UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS-IECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM BIOLOGIA AMBIENTAL

PROCESSO PARTICIPATIVO DA MULHER NA CADEIA PRODUTIVA DO MEXILHÃO *Mytella charruana* (D'Orbgny, 1846) **NA COMUNIDADE VILA NOVA, BRAGANÇA-PA.**

ZILAH THEREZINHA DE SOUZA ARAUJO

Orientadora: Prof. Dra. Deis Elucy Siqueira
Co-orientadora: Profa Dra Iracely Rodrigues da Silva

Bragança-Pará
2015

ZILAH THEREZINHA DE SOUZA ARAUJO

PROCESSO PARTICIPATIVO DA MULHER NA CADEIA PRODUTIVA DO MEXILHÃO *Mytella charruana* (D'Orbgny, 1846) **NA COMUNIDADE VILA NOVA, BRAGANÇA-PA.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental, da Universidade Federal do Pará, do Campus de Bragança, como requisito para obtenção do título de Mestre em Biologia Ambiental.

Orientadora: Prof. Dra. Deis Elucy Siqueira

Co-Orientadora: Profa Dra Iracely Rodrigues da Silva

Bragança-Pará

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Araújo, Zilah Therezinha de Souza, 1946-
Processo participativo da mulher na cadeia produtiva do mexilhão Mytella charruana (D'Orbgny, 1846) na comunidade Vila Nova, Bragança-PA. / Zilah Therezinha de Souza Araújo. - 2015.

Orientadora: Deis Elucy Siqueira;
Coorientadora: Iracely Rodrigues da Silva.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança, Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental, Bragança, 2015.

1. Mexilhão-Bragança(PA). 2. Mulheres no desenvolvimento-Bragança(PA). 3. Recursos naturais-conservação. I. Título.

CDD 23. ed. 594.4098115

ZILAH THEREZINHA DE SOUZA ARAUJO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Biologia Ambiental, da Universidade Federal do Pará, do Campus de Bragança, como requisito para obtenção do título de Mestre em Biologia Ambiental.

Data de aprovação- Bragança/PA: 26/03/2015

Banca Examinadora

Profª Drª Deis Elucy Siqueira (Orientadora)
Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança- UFPA/IECOS

Profª Drª Cláudia Helena Tagliaro (Membro Titular)
Universidade Federal do Pará Campus Bragança- UFPA/IECOS

Profº Drº Sérgio Cardoso de Moraes (Membro Titular)
Universidade Federal do Pará Campus de Belém- UFPA/NUMA

Profª Drª Roberta Sá Leitão (Membro Titular)
Universidade Federal do Pará Campus Bragança- UFPA/IECOS

Profª Drª Nelane Marques da Silva (Suplente)
Universidade Federal do Pará, Campus de Bragança- UFPA/IECOS

RESUMO

PROCESSO PARTICIPATIVO DA MULHER NA CADEIA PRODUTIVA DO MEXILHÃO *Mytella charruana* (D'Orbgny, 1846) **NA COMUNIDADE VILA NOVA, BRAGANÇA-PA.**

O estudo da divisão sexual do trabalho na cadeia produtiva do mexilhão *Mytella charruana* em Vila Nova, Bragança – PA foi desenvolvido no período de julho de 2013 a fevereiro de 2014 a janeiro de 2014, com o principal objetivo de analisar a participação e a valorização da mulher nas atividades desse processo. Para tal optou-se por duas categorias de análise: comunidade tradicional e divisão sexual do trabalho, tendo como fundo a cadeia produtiva do mexilhão *Mytella charruana*. A pesquisa seguiu os princípios do método qualitativo, tendo como amostra dez famílias, que foram selecionadas em função de organizarem as atividades de extração do molusco num mesmo local. Usou-se como instrumento metodológico a técnica efeito bola de neve, para identificação das lideranças e formação do grupo amostral; a entrevista, o questionário, a conversa informal, a observação participativa, além de registros fotográficos. A investigação resultou na identificação do trabalho da mulher e do homem na cadeia produtiva: coleta, catação e comercialização do mexilhão *Mytella charruana*, concluindo-se que a partir do momento que o produto começou a ser inserido no mercado, o homem ficou responsável pela coleta, pela fase inicial e final da catação e pela comercialização do molusco, cabendo a mulher o preparo do espaço para o recebimento do produto após a coleta, a limpeza de cada molusco, a catação de resíduos depois da primeira peneiragem, da organização da catação revisada de cada concha para retirada de possível massa retida, somando às atividades domésticas cotidianas. Embora o trabalho da mulher, a higienização rigorosa no trato do mexilhão seja considerado o diferencial para a preferência dos compradores da região, a maior valorização é dado ao trabalho do homem, considerado o mantenedor da casa. Foram avaliadas as diferenças no comprimento da concha de *M. charruana* entre os meses estudados, onde houve diferenças significativas entre janeiro e fevereiro ($p < 0,05$). A investigação apontou para indícios de exploração desordenada desse recurso natural, que precisa de normatização e cuidados para o manejo, a fim de assegurar a manutenção do estoque.

Palavras chave: Comunidades tradicionais – Divisão sexual do trabalho – Extrativismo.

Bragança-Pará

2015

ABSTRACT

The study of the sexual division of the *Mytella Charruana* productive chain from Vila – nova, Bragança-PA, was developed on Juner 2013 to February, 2014. Aiming to analyze women's participation and appreciation in those activities. For this, we have chosen two categories for analysis: traditional community and the work's sexual division. Presenting the productive chain of Mitilídeo *Mytella charruana*. With Own resources, we followed the qualitative method presenting ten families that selected because they used to organize the mollusk's extraction activities in the same area. As an methodological instrument the snow ball technique, to identify the leaders and the formation of the sample group; the interview ,the questionnaire and the informal talk, the participative observation, and picture registers.The investigation resulted in the following of identification of men and women in the productive chain: the collection data, the extraction process and the *Mytella charruana's* commercialization. Concluding that from the moment it started to be introduced and sold in market, men became responsible for the collection, and responsible for the first and final step of the mollusk extraction. And that women are responsible for the space prepping to the products' arriving after the extraction of it, the cleaning of each product, the rescues' collect process after selection, of the review process of extraction of each shell to extract possible content of mass, adding to daily domestic activities. Whereas women's work, the strict hygienic treatment of *Mytella charuana*, is considered the big deal when dealing with regional costumers, the valorization goes to man. The investigation also showed the excessive exploration of the natural resources that need normatization and extra hand careful dealing with it, to avoid damages in the environment.

Key words: Traditional communities – Sexual work division- Extraction .

Bragança-Pará
2015

Dedico o Presente Trabalho as Mulheres da Vila Nova
e aos meus filhos José Pompeu e Theresa Cristina.

“Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou. Ensinou a amar a vida e não desistir da luta, recomeçar na derrota, renunciar a palavras e pensamentos negativos. Acreditar nos valores humanos e ser otimista.”

(Cora Coralina)

AGRADECIMENTOS

“Nada há no universo que não seja manifestação da Grande Vida. Ao despertarmos para esta verdade, passamos a agradecer a todas as pessoas, coisas e fatos.”
Massaharu Taniguchi

Agradeço ao meu filho Pompeu, sem ele não sei se teria dado conta das coletas. Minha filha Theresa muito tem me ensinado com o seu bom exemplo na construção do conhecimento. Muito obrigada! Agradeço as contribuições de minha futura nora, Jessica. Gratíssima!

Todas as mulheres da Vila Nova, os coletores de maxilhões e todos os familiares, muito obrigada pela acolhida em suas casas de farinha, onde se ensina e se aprende a aprender o que é uma comunidade que se sustenta e faz do trabalho razão de vida.

Agradecida aos estimuladores da Academia: Prof. Dr. Nils Asp a quem muito devo em matéria de ânimo e força na caminhada. Prof. Dra. Deis Siqueira e Prof. Dra. Iracely, Rodrigues, pelas orientações, as luzes e a paciência sem limites. Aos componentes da Banca examinadora, muito obrigada pela disponibilidade!
Grata aos apoiadores por parte do *Mytella Charruana* no Laboratório de moluscos, Prof. Dr. Colin Beasley e Prof. Dra. Cláudia Tagliaro, Prof. Dra. Nelane Marques, pelo apoio incondicional no Laboratório de Genética da Conservação.

Ao Grupo de Estudos Socioambientais Costeiros-ESAC pelo companheirismo, boas ideias e torcida no sentido de que “tudo vai dar certo!” de modo especial o apoio nas correções por parte da prof. Maria Gomes e os arranjos de Eduardo Gomes na estética de alguns mapas.

Muito Obrigada ao Prof. Dr. Joel Cardoso, por se importar comigo, injetando estimulo, otimismo e sempre pronto a dar forças. Assim como o Prof. Dr. Leandro Passarinho por me incluir em sua agenda de preocupações. Incluindo também a prof. Natalina e suas benéficas chamadas de atenção. Meu reconhecimento pelo apoio do Prof. Dr. André Peres.

Agradecimentos à Bolsista Ana C. V. Ribeiro que tem sempre a solução para os impasses tecnológicos. Muito Obrigada ao Vando Gomes, pelos mapas. Ao Eraldo pelas informações sobre os sítios de coleta. A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que os objetivos fossem alcançados.

É difícil desempenhar a tarefa de agradecer. São tantos os gestos de solidariedade, que corremos o risco de omitir nomes, esquecer detalhes e deixar de mencionar fatos que mereceriam ser registrados. Agradecida pelo apoio da Faculdade de Educação-FACED.

Muito Obrigada a todos!

LISTA DE SIGLAS

CEL- Conhecimento Estratégico Ecológico Local.

CNRS- Centro Nacional de Pesquisa Científica.

ESAC- Estudos Sócio-Ambientais Costeiros.

GEDISST- Grupo de Estudos sobre a Divisão Social e Sexual do Trabalho.

GEF- Grupo de Estudos Feministas.

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IECOS- Instituto de Estudos Costeiros.

LABMOL- Laboratório de Moluscos.

LCBE- Laboratório de Conservação e Biologia Evolutiva.

LEMAS- Laboratório de Educação, Meio Ambiente e Saúde.

MLF- Movimento de Libertação das Mulheres.

OIT- Organização Internacional do Trabalho.

PNPCT- Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

RESEX- Reserva Extrativista.

SNUC- Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza.

SOF- Sempre-viva Organização Feminista.

UC- Unidade de Conservação da Natureza.

UFPA- Universidade Federal do Pará.

LISTA DE FIGURAS

1 Mytela *charruana* (figura 1). Foto Pompeu Neto 20
2 Localização da RESEX Marinha de Caeté-Taperaçu. Fonte: Repinaldo F. (2012) 23
3 Localização da comunidade Vila Nova, pertencente ao distrito de Caratateua, no entorno da RESEX Marinha Caeté Taperaçu, em Bragança, município no nordeste do Estado do Pará. Fonte: Mapas retirados de http://www.cprm.gov.br/gestao/ecotur/pturis tracuateua.pdf e adaptado por Vando Costa Gomes e Eduardo Gomes/2015..... 44
4 Vista da comunidade com casas do lado esquerdo e direito. Foto: Pompeu Araújo, 2015..... 46
5 Tipo de Construção das casas de Vila Nova. (Gráfico)..... 47
6/7 Casa de alvenaria construída. (Ribeiro, 2014)..... 47
8 Localização de banheiros das residências de Vila Nova..... 48
9 Tipos de esgoto sanitário das residências de Vila Nova 48
10 Imagem da comunidade com o poço artesiano. Foto: Pompeu Araújo, 2015..... 49
11 A- Igreja Evangélica; B- Igreja Católica e o Salão Comunitário Bom Pastor. Foto: Ribeiro, 2014..... 50
12 Janela da única vendinha existente na comunidade Vila Nova Foto: Ribeiro/2014 51
13 Demonstração do ciclo de ocupação sazonal na comunidade Vila Nova..... 52
14 Percurso da Vila Nova à margem direita do estuário de Urumajó, para a coleta do mexilhão. Fonte: Google/ adaptado por Eduardo Gomes, 2014..... 58
15 Instrumentos de pesca de mexilhão: 15 A) Paneiro; 15 B) Vara no momento que está sendo fincada nas águas. Foto: Pompeu Araujo/2014..... 59

16 A – Porção de mexilhão; B– Porção Lama retirada das rochas; C – Sova com os pés para Separar; D– Sacos de acondicionamento do mexilhão do substrato lamoso produto já sovado. Fotos: Pompeu Araujo/2014..... 60
17 Tamanho médio do comprimento de conchas de *Mytella charuana* 61
18 Casa de farinha, ao lado da residência, espaço de trabalho (permanente ou sazonal, da família. Foto: Pompeu Araujo/2014..... 63
19 Retirada do mexilhão cozido para despejo no paneiro. Fotos: Pompeu Araujo/2014..... 64
20 Homem ventejando o mexilhão, ou seja, sacudindo o paneiro para que separe a massa da concha, ao mesmo tempo em que esfria o produto para ser ensacado. Fotos: Pompeu Araujo/2014..... 64
21 Retirada dos resíduos da conha existente na massa. Fotos: Pompeu Araujo/2014..... 65
22 Ensacamento da biomassa. Fotos: Pompeu Araujo/2014..... 65
23 Renda Mensal de famílias dedicadas a extração de mexilhão na Vila Nova entre dezembro/2013 a fevereiro/2014..... 69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

1. **OBJETIVOS 17**

2. INTEGRANTES DO ESTUDO - ***Mytella charruana*****, COMUNIDADE E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO 18**

2.1 Mytella charruana (D'Orbgny, 1846)- *o molusco fonte de renda da comunidade Vila Nova* 19

2.2 Populações tradicionais e extrativismo na Amazônia 21

2.3 A divisão sexual do trabalho numa perspectiva sociológica 28

2.3.1As relações sociais de sexo, o trabalho doméstico e a invisibilidade do trabalho feminino 35

3. METODOLOGIA DA PESQUISA 39

3.1 Coletas de Dados 40

3.2 Análise dos Dados..... 42

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES 43

4.1 Conhecendo a Comunidade Vila Nova, em Bragança-Pa..... 43

4.1.1Localização, História e Aspecto físico..... 43

4.1.2 As políticas públicas de atendimento à Comunidade..... 49

4.1.3 Situação socioeconômica..... 50

4.1.4 Aspectos culturais 51

4.2 A cadeia produtiva do *Mytella charruana*: Ocupação sazonal que envolve toda a comunidade Vila Nova..... 55

4.2.1A Divisão Sexual do Trabalho na cadeia produtiva de *Mytella charruana*..... 57

4.2.1.1 A coleta 58

4.2.1.2 A Catação..... 61

4.2.1.3 A mulher na catação..... 63

4.2.1.4 A interferência da ação antrópica na conservação de

Mytella charruana..... 65
4.2.1.5 A comercialização..... 68

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS **71**

REFERÊNCIAS **74**

GLOSSÁRIO **85**

1

INTRODUÇÃO

A dissertação “**Processo Participativo da Mulher na Cadeia Produtiva do Mexilhão** *Mytella charruana* (D’ORBIGNY, 1846) **na Comunidade Vila Nova em Bragança-PA”** pretende demonstrar as relações que se estabelecem na divisão sexual do trabalho, onde mulheres e homens mantem relações sociais específicas de acordo com o sexo.

Buscamos com essa abordagem compreender as particularidades e perspectivas determinadas socialmente para a manutenção, assim como as modificações, as negociações das condutas sociais que se dão em torno das relações (tarefas, obrigações, funções, lugares) entre homens e mulheres na cadeia produtiva do principal produto da composição da renda financeira das famílias na localidade da Vila Nova em Bragança no nordeste paraense.

A costa amazônica possui cerca de 2.500 km^2 de extensão. Compreende os Estados do Amapá, Maranhão e Pará. Trata-se de uma região de rica biodiversidade, sobretudo nos espaços ou paisagens naturais. É o caso da região bragantina, onde se localiza a comunidade de Caratateua (a 18 Km da cidade de Bragança) da qual faz parte diretamente Vila Nova. Caratateua é uma comunidade agropesqueira da Reserva Extrativista Marinha Caeté- Taperaçu, a qual passou a ser distrito a partir de 2010 (IBGE, 2010), sendo uma comunidade de expressiva atuação feminina relacionada a atividades extrativistas (ALMEIDA, 2012).

Um dos motivos que justifica a escolha dessa localidade é a dedicação dos moradores na coleta, catação e a comercialização do mexilhão, tema ainda não estudado nesta região. Outra justificativa para a delimitação do objeto de estudo é que em Vila Nova destaca-se a coleta e a catação (beneficiamento) do mexilhão *Mytella charruana,* como item mais importante na composição da renda monetária das famílias. Nas comunidades vizinhas, como Treme e Caratateua, a fonte de renda é o caranguejo, mas na Vila Nova é o mexilhão. Esta crescente integração das famílias no mercado tem sido um dos principais motivos de transformação das populações tradicionais no Brasil. Afinal,

> *A região encontra-se dentro do movimento de expansão e de consolidação do capitalismo, no qual se destaca a crescente mercantilização da vida social, em que o mercado vai passando paulatinamente de ordem secundária para ordem central, mesmo que as indústrias e o trabalho assalariado estejam distantes geograficamente e longe de se tornarem hegemônicos na região. Assim, a vida vem se monetarizando crescentemente nas comunidades estudadas, e as pressões no sentido de se conseguir renda monetária também se intensificam. (Vieira et al, p 9, 2013).*

De qualquer forma, a maior parte das áreas ainda preservadas do território brasileiro são habitadas com maior ou menor densidade por estas populações tradicionais (indígenas, caiçaras, ribeirinhos, seringueiros, quilombolas, caipiras, caboclos), para as quais a conservação da fauna e flora são a garantia de sua

perenidade. Mas o processo de expansão das fronteiras agrícolas e extrativistas da sociedade brasileira, por sua vez, reproduz e se pauta por um modelo de ocupação do espaço e de uso dos recursos naturais gerador da degradação ambiental e de enormes custos sociais.

A presente dissertação é mais um dos resultados de pesquisas que estão sendo realizadas, de forma articulada, pelo grupo de pesquisa - *Estudos Socioambientais- ESAC ligado ao Instituto de estudos Costeiros*/IECOS/UFPA, em várias comunidades de populações tradicionais na região da Reserva Extrativista Marinha de Caeté Taperaçu/Bragança/PA.

Nesse sentido, foram bastante úteis na elaboração do presente trabalho, as reflexões realizadas no ESAC. Será fartamente citada uma das publicações do grupo (VIEIRA et. al, 2013), *Divisão Sexual do Trabalho e relações de gênero em contexto estuarino-costeiro amazônico*, de autoria de Norma Vieira; Deis Siqueira; Marcella Ever e Maria Gomes**,** parte do Dossiê *Questões socioambientais e etnobiodiversidade*, fruto da apresentação conjunta das autoras no Seminário "Questões socioambientais e etnobiodiversidade na Amazônia", ocorrido na UFPA, em novembro de 2012. [1]

Naquele estudo a divisão sexual do trabalho vai além de uma simples divisão de tarefas, pois implica numa diferenciação de funções com destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva, tal como discutem Cruz (2008) e Kergoat (2009).

[1] Estas reflexões se ancoram em pesquisas realizadas nas seguintes comunidades da região costeiro-estuarina de Bragança: Vila dos Pescadores/Bonifácio, Caratateua e Treme. Na primeira, a atividade principal é a pesca em águas costeiras. Nas outras duas, também se pesca peixes, mas na atualidade a principal ocupação é a coleta e o beneficiamento de caranguejo (*Ucides cordatus*), sendo que, no Treme, este processo encontra-se mais avançado, ou seja, proporcionalmente ocupa mais pessoas do que aquele, e o problema dos resíduos é mais evidente, assim como a divisão do trabalho é mais especializada. Em Caratateua, são mais comuns os casos em que uma mesma família coleta, prepara e cata o caranguejo em uma mesma casa. Ao homem cabe a coleta e os primeiros tratamentos do caranguejo; à mulher, o colhimento de sua carne ("massa"). O processo destes fazeres traz embutido uma complexa organização da divisão social e sexual do trabalho (Hirata & Kergoat 2007). A partir da década de 1980, o beneficiamento do caranguejo, atividade voltada, sobretudo, ao autoconsumo do grupo doméstico, como a maioria dos demais recursos naturais, passou a ser a principal fonte de renda para as mulheres em Caratateua e no Treme.

1.1 OBJETIVOS

Embora a divisão sexual do trabalho esteja inserida no amplo universo das relações sociais de gênero, este estudo tem como enfoque, não as relações de gênero, mas particularmente, a divisão sexual do trabalho na cadeia produtiva do *Mytella charruana,* conhecido popularmente como mexilhão ou sururu, espécie de ampla distribuição em estuários o que garante grande interesse comercial, em comunidades amazônicas, como é o caso da região bragantina (GLASER, 1997).

Neste contexto surgiram as seguintes questões:

- Como se desenvolve a cadeia produtiva (coleta, tratamento e comercialização) do mexilhão *Mytella charruana* na comunidade de Vila Nova?
- Qual o lugar da mulher na divisão sexual do trabalho envolvido na cadeia produtiva do mexilhão *Mytella charruana* na comunidade de Vila Nova?

Esses questionamentos direcionaram a formulação de objetivos.

1.1. OBJETIVOS:

1.1.1 OBJETIVO GERAL

Contextualizar a participação da mulher na cadeia produtiva do mexilhão *Mytella charruana (D'orbigny, 1846)* na comunidade Vila Nova em Bragança –PA.

1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar a comunidade de Vila Nova.
- Identificar a dinâmica sazonal da coleta do mexilhão e sua cadeia produtiva (*período de coleta, renda, etc*.).
- Descrever as técnicas de manejo utilizadas na coleta e catação (beneficiamento) do mexilhão.

- Observar a participação da mulher em relação aos demais atores envolvidos no processo participativo na cadeia produtiva.
- Correlacionar as práticas de coleta do recurso natural (conservação/destruição), com o comprimento das conchas coletadas.

2

INTEGRANTES DO ESTUDO - *Mytella charruana*, COMUNIDADE E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO

Uma vez que esta investigação tem como foco o papel participativo da mulher na cadeia produtiva do *Mytella charruana*, na Comunidade Vila Nova em Bragança-PA, faz-se necessário, primeiramente, estudar as particularidades desse molusco, mesmo sem ser o objeto deste estudo, mas como suporte para se entender o envolvimento da população de Vila Nova no processo da coleta, da catação e da comercialização desse recurso natural. Para isso buscaram-se embasamentos teóricos em: Nascimento, (1969); Boffi (1979); Narchi e Galvão-Bueno, (1983); Nischida e Leonel (1995); Dijck (1980); Lacerda et al (1999); Blandtt e Glaser, (1999); Marques Silva (2002), entre outros.

Para fazer a relação do estudo do *Mytella charruana* com o envolvimento da comunidade Vila Nova na cadeia produtiva desse molusco, contou-se, sobretudo, com referências teóricas das Ciências Humanas, sobressaindo-se a Sociologia (BATAGLIOLA *et al.,* 1986). Da mesma forma, para analisar a participação da mulher no processo produtivo do *Mytella charruana* dessa comunidade, apoiou-se em Zarifian (1982); Hirata & Kergoat, (2007); Hirata, (1991) e Piscitelli, (2002); Kergoat, (2009), Vieira et al., (2013), entre outros.

2.1 *Mytella Charruana* (D'orbgny, 1846)- ***O MOLUSCO FONTE DE RENDA DA COMUNIDADE VILA NOVA***

Mytella charruana (Figura 1), pertence à família dos mitilídeos é um molusco bivalve, assim identificado por possuir duas valvas (NISCHIDA e LEONEL, 1995). Embora haja uma variedade muito grande de mitilídeos, no Brasil três são espécies comercializáveis: *Mytella guyanensis*, *Mytella charruana* e Perna perna (MARQUES et al., 1991; NISCHIDA e LEONEL, 1995).

Segundo Pereira e Graça Lopes (1995), os *Mytella charruana* conhecidos popularmente como sururu ou mexilhão, distribuem-se da zona infralitoral até a zona entremarés, onde as águas são salobras, enquanto que o *Mytella guyanensis* também conhecidos assim, são encontrados em bosques de mangue, situados na zona entremarés, de ambientes estuarinos (NISCHIDA e LEONEL, 1995; MARQUES, 1998). Ambos são encontrados em todo litoral brasileiro. Por sua vez, os *Mytilus edulis platensis*, e *Perna-perna* ocorrem do litoral do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul (PEREIRA *et al*, 2003).

Boffi (1979) mostra que *M. guyanensis* pode apresentar comprimento máximo de 80 mm, enquanto *M. charruana* de 50 mm. Os mexilhões de estuário dos bancos naturais são extraídos para a comercialização, entrando nos cardápios como fonte proteica. Trata-se de um produto excelente para complementar a renda familiar, o qual vem sendo estudado devido a necessidade de avaliação dos seus estoques naturais, como por exemplo no nordeste paraense que a exploração de mexilhões

tem sido intensa nos estuários do rio Caeté, ocasionando a diminuição de oferta do produto nos últimos anos (GLASSER, 1997; BLANDTT & GLASER, 1999).

Baseado nessa exploração de mexilhão será dado foco ao M. charruana em função do uso elevado deste recurso no período sazonal na comunidade em estudo.

Figura 1- *Mytella charruana* Fonte: Pompeu Araújo (2014)

Mytella charruana (Figura 1) é uma espécie tipicamente estuarina e na região bragantina encontra-se amplamente distribuída nos estuários existentes (BLANDTT & GLASER, 1999), formando colônias nas áreas entremarés até 10 metros de profundidade (MARQUES, 1998). Encontram-se aderidos no substrato rochoso através do bisso (feixe de filamentos semelhantes fios de seda, secretados por uma glândula situada sua base do mexilhão, pelos quais o animal se fixa, formando colônias, numa estrutura capaz de suportar fortes impactos causados pelas forças das marés) (NARCHI & GALVÃO-BUENO, 1983).

No estuário amazônico a reprodução desse molusco ocorre de forma descontínua, durante o ano todo (MELO, 2007). Sua fecundação é externa originando um ovo que desenvolve um estágio larval de vida livre que após metamorfose se adere ao substrato iniciando a fase adulta (MARQUES, 1998).

Pereira et al. (2003) em estudos efetuados em bancos naturais no estuário da Ilha Comprida, São Paulo, Brasil, propõe que *M. charruana* tem uma média de vida em torno de 12 meses e sua desova em massa é abundante nos meses de novembro e dezembro. Segundo Nascimento (1969) os mexilhões tem sua idade

reprodutiva entre 02 a 03 meses após sua fixação definitiva, sendo que o comprimento da concha na primeira maturação sexual fica em torno de 18,1 mm para os machos e 17,4 mm para as fêmeas. Acima de 30,5 mm pode ser considerado maduro.

Esse molusco alimenta-se de material em suspensão e são considerados de grande importância tanto ecológica quanto econômica, por serem animais filtradores que possuem a capacidade de reter partículas e poluentes em seus tecidos (LACERDA *et al.,* 1999) e por fazerem parte do cardápio alimentício da população (MARQUES, 1998).

2.2 Populações tradicionais e extrativismo na Amazônia

Para a realização da presente reflexão, partiu-se do pressuposto de que os limites entre o que se convenciona denominar como social e como ambiental são artificiais e de que o mundo da pesca deve ser olhado a partir de uma visão que integre o ecológico e o social (BERKES & FOLKE, 1998). A crítica à dicotomia natureza *e* sociedade tem sido feita por vários autores e a partir de várias vertentes (SIQUEIRA, 2010). Ademais,

> *... a biodiversidade não é um conceito simplesmente biológico, relativo à diversidade genética de indivíduos, de espécies, de ecossistemas, mas é também o "resultado de práticas", muitas vezes milenares das comunidades tradicionais que domesticam espécies, mantendo e, em alguns casos, aumentando a diversidade local.* (DIEGUES, 2001, p. 66)

Nesse sentido, o conceito de cultura inclui os objetos materiais da produção humana, as técnicas utilizadas, além das orientações sociais, valores, normas, regras em que se ancoram as práticas e representações humanas (HERKOVITS, 1969). E segundo Diegues e Arruda (2001), há fortes indicadores de processos

2.2 POPULAÇÕES TRADICIONAIS E EXTRATIVISMO NA AMAZÔNIA

adaptativos, co-evolucionários entre ecossistemas e culturas, sobretudo em comunidades que mantiveram, historicamente, vínculos próximos com os recursos naturais ou o ambiente. Essas foram identificadas por Diegues (1983), também por suas culturas tradicionais, como povos dos ecossistemas, os quais mantem interdependência com o ambiente, sendo suas estruturas sociais bastante vinculadas às dinâmicas naturais e, no geral, associadas à pequena produção mercantil (DIEGUES, 1983).

Uma coletividade pode ser definida como comunidade, segundo o Dicionário de Sociologia (GALLINO, 2005, p. 138 e 142),

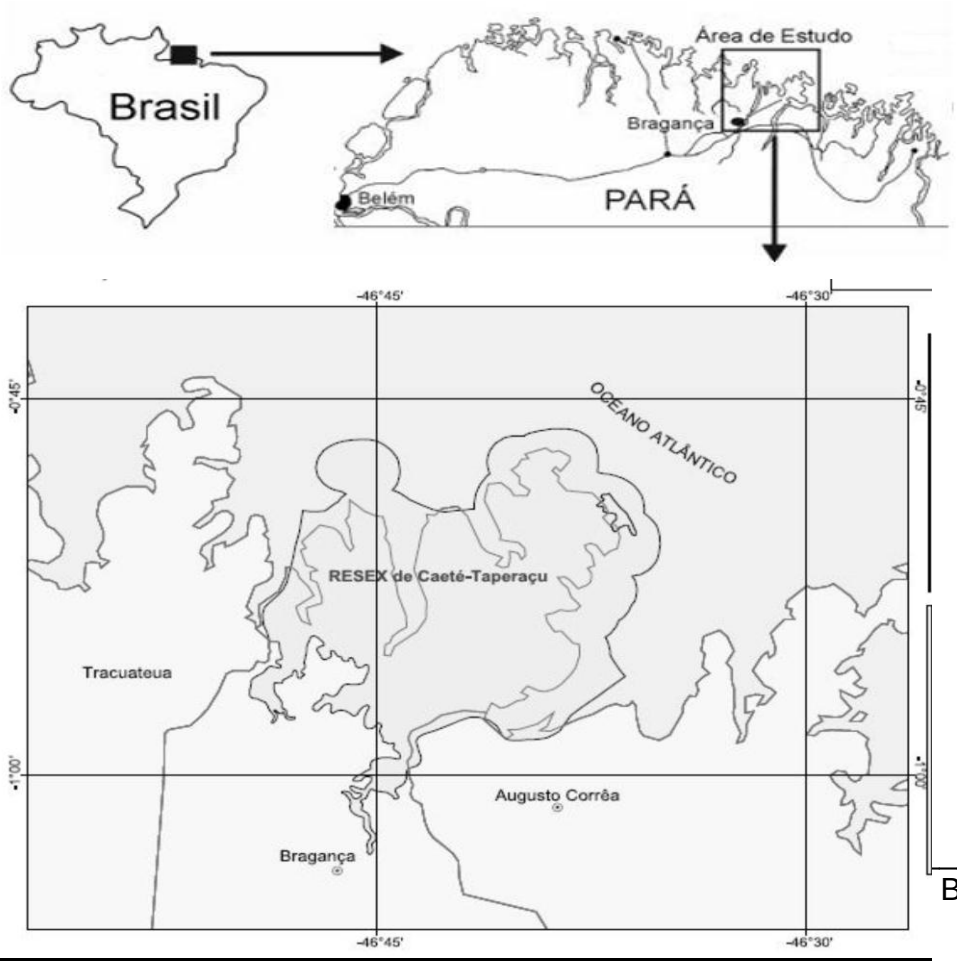
> *... quando os seus membros agem reciprocamente e em relação aos outros que não pertencem à coletividade sobrepondo, mais ou menos conscientemente, os valores, as normas, os costumes, os interesses da coletividade, considerada como um todo, àqueles pessoais ou do próprio subgrupo ou de outras coletividades; ou quando a consciência de interesses comuns, ainda que indeterminados, o senso de pertencer a uma entidade sociocultural positivamente avaliada e à qual se adere afetivamente, e a experiência de relações sociais que envolvem a totalidade da pessoa se tornam, de per si, fatores desencadeantes de solidariedade. Isso não exclui a presença de conflitos dentro da coletividade, nem de formas de poder ou de dominação. ... A comunidade local é geralmente considerada a sede privilegiada do sentimento e do agir da comunidade.*

Além disso, os moradores de Vila Nova estão sendo pensados enquanto uma comunidade tradicional. Registre-se que no Brasil, a expressão comunidade, em sintonia com a ideia de povos tradicionais deslocou o termo populações, reproduzindo uma discussão que ocorreu no âmbito da Organização Internacional do Trabalho (OIT) por volta de 1988 e que encontrou eco na Amazônia através da mobilização, na mesma época, dos chamados povos da floresta. O termo populações indicava certo desgaste e foi substituído, crescentemente por comunidade, o qual incorpora a dinâmica de mobilização, aproximando-se por este viés da categoria povos. Concordou-se que o termo mais correto seria o de povos,

na medida em que esse reconhece a existência de sociedades organizadas com identidade própria, no lugar de simples agrupamentos de indivíduos que compartem algumas características (étnicas ou culturais) (WAGNER, 2005). Nas regiões ribeiras da Amazônia, o termo usual é comunidade.

Como fruto deste movimento social de povos e comunidades tradicionais e, em particular, da população organizada local, bem como por se tratar de uma das principais áreas de risco da Costa Atlântica, em 2005 foi criada no litoral amazônico, no nordeste paraense, no município de Bragança, a Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu (RESEX) com uma área total de aproximadamente 42 mil hectares, compreendendo quase toda a Península de Ajuruteua e englobando os mais distintos ecossistemas (mangue, terra-firme, rio, várzea, estuário, campo salino, etc.).

A área desta RESEX é marcada pela influência principal do rio Caeté, limite direito da Unidade de Conservação e pelo Rio Maniteua, limite esquerdo, na divisa com o município de Tracuateua, Pará. Também estão incluídos nela o estuário do rio Taperaçu, regiões de campos naturais salinos e praias, tendo uma milha náutica como limite em direção ao Oceano Atlântico (Figura 2).



Prc Bragança)

As RESEXs são Unidades de Conservação da Natureza (UC), que têm como principal objetivo a conservação da biodiversidade (uso dos recursos com garantia de seu usufruto no futuro), apoiando os povos e comunidades tradicionais/extrativistas que nelas vivem e que mantêm relações próximas com os ecossistemas e os recursos naturais existentes na região. Trata-se de áreas de domínio público com uso concedido àquelas populações. As Reservas Extrativistas Marinhas são uma subcategoria das Reservas Extrativistas. Segundo o artigo 18 do SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza. Elas são:

> *Área utilizada por populações extrativistas tradicionais, cuja subsistência baseia-se no extrativismo e, complementarmente, na agricultura de subsistência e na criação de animais de pequeno porte, e tem como objetivos básicos proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade* (BRASIL, 2000).

E conforme o Decreto número 6.040, de 07/02/2007, o qual instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT)[2], povos e comunidades tradicionais são

> *... grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica,*

[2] A aprovação, em 2005, da Política Nacional de Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) indicou o deslocamento da perspectiva evolucionista do branco escolarizado e "moderno" – de assimilação das populações indígenas e tribais à sociedade dominante – para o estabelecimento de uma nova relação jurídica entre o Estado e essas populações, com base no reconhecimento de sua diversidade cultural e étnica (SIQUEIRA, 2010, p. 65).

> *utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição* (BRASIL, 2007) [3]

Nesta categoria estão inseridas as comunidades quilombolas, camponesas, quebradeiras de coco babaçu, indígenas, de seringueiros, ribeirinhas, dentre outras comunidades rurais, inclusive a comunidade de Vila Nova do distrito de Caratateua.

De acordo com Little (2002), as comunidades tradicionais podem ser identificadas como povo na medida em que têm um sentido de pertencimento a um lugar específico; regimes de propriedades e de usos comuns; profundidade histórica da ocupação guardada na memória coletiva, aspectos os quais fazem parte do entorno da Reserva Extrativista de Caeté-Taperaçu.

> *A comunidade e a unidade familiar encobrem uma série de papéis, interesses e potenciais diferenciados entre homens e mulheres que não se tornam visíveis à primeira vista. A unidade familiar contém um conjunto altamente diversificado de pessoas que, no nível comunitário, fazem parte de segmentos diferenciados quanto à sua inserção social e seus interesses particulares. Consequentemente, é muito provável que uma mulher, mãe e dona-de-casa tenha necessidades e interesses que se assemelham mais aos de outras mulheres da comunidade do que aos do marido ou da filha que trabalha o dia todo fora de casa.* (KÜCHEMANN, 2000, p. 05).

No que toca mais especificamente à produção familiar, as características agroecológicas e sócioeconômicas dos seus sistemas tendem a apresentar certa uniformidade em todo o país. Contudo, há uma enorme diversidade de arranjos de cada propriedade e unidade familiar (NODA et. al., 2001), mesmo sendo a orientação patriarcal uma constante que rege a produção familiar (agricultura, artesanato, comércio). A oposição teórica entre produção mercantil e não mercantil

[3] A mesma PNPCT define territórios tradicionais como ... *os espaços necessários à reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária* (BRASIL, 2007) .

não é suficiente para explicar, pois a exclusão do trabalho doméstico das mulheres do domínio econômico não decorre da natureza de sua produção.

O trabalho dispensado para a produção de um bem, quando produzido fora da família tende a ser remunerado e, inversamente o trabalho das mulheres é gratuito para produzir o mesmo bem, até mesmo quando ele é objeto de troca no mercado. É nesse sentido que autoras como Delphy (1998) afirmam que o trabalho doméstico determina a ou é fundamental à condição de todas as mulheres, e que a família seria o lugar de exploração econômica das mulheres; onde se dá a apropriação por parte dos homens de sua força de trabalho, qualquer que seja seu estatuto familiar (esposas, filhas, mães ou irmãs).

A produção gratuita da domesticidade é garantida pela exploração econômica da mulher pelo homem, o qual se apoia na instituição do casamento para tanto . Segundo esta autora, pode-se falar em termos de um modo de produção doméstica, o qual constituiria a base econômica do patriarcado. Assim, continuando o pensamento de Delphy, ele se articula geneticamente com os conceitos de dominação masculina e de opressão das mulheres. Dominação dos homens quer sejam eles pais biológicos ou não, de famílias monogâmicas ou não.

As mulheres podem ser colocadas no centro da família, ser a razão de existência da ordem social, mas a formação de regras, de normas desta ordem não lhes pertence (DELPHY, 1998).

O trabalho (significado, objetivos, formas de se concretizar) e a utilização do tempo são centrais para se caracterizar a vida cotidiana e o estilo de vida de uma pessoa, de um grupo social, de uma comunidade, de uma sociedade. São recursos sociais cuja disponibilidade e usos são diferenciados no tempo e no espaço. Vale sempre a pergunta: de qual trabalho se fala: artesanal, escravo, assalariado?

A atividade do trabalho (e seu tempo) localiza-se na imbricação de dois tipos de relação: ser humano-natureza e ser humano-ser humano. Mas estas relações são historicizadas, porque são imersas nas relações sociais, nas relações de trabalho, nas condições sociais do trabalho, que não são fixas e nem únicas. Assim, há trocas específicas entre homens e naturezas, entre homens e mulheres, entre jovens e

idosos, entre brancos e negros, entre brancos e índios, ou seja, há sexo, etnia, geração no trabalho.

O trabalho assalariado a partir do início do capitalismo apresenta uma particularidade: trata-se de uma atividade social que pode ser descrita, analisada, racionalizada, medida e ordenada em termos precisos, isto é: sequência de operações (ancoradas em uma abstração generalizante).

> O trabalho de um lado, a força de trabalho de outro. *E entre os dois o tempo, referência central de avaliação da produtividade dessa combinação entre trabalho e trabalhador. ...O trabalhador, ser de subjetivação, torna-se prisioneiro daquilo a que ele deve se reportar: as operações objetificadas* (HIRATA e ZARIFIAN, 2009, p.253)

Já o trabalho doméstico (manutenção do lar e educação dos filhos) é muito distinto desta objetificação, pois se ancora nas relações afetivas da família e na disponibilidade materna e conjugal das mulheres. No geral, é atribuição exclusiva das mulheres. Apesar do esforço de muitos pesquisadores para medi-lo, ele, porque refratário, resiste à mensuração.

O trabalho doméstico é pensado como

> *... um conjunto de tarefas relacionadas ao cuidado das pessoas e que são executadas no contexto da família – domicílio conjugal e parentela – trabalho gratuito realizado essencialmente por mulheres.* (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009, p.256).

De maneira diferente do que é considerado como esfera econômica, mercado, mundo das mercadorias, o trabalho doméstico se desenrola em torno de relações entre pessoas. Ademais, apoia-se em uma disponibilidade permanente do tempo das mulheres a serviço da família (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009). Neste sentido o trabalho doméstico determina a condição das mulheres na

comunidade estudada e nas vizinhas (VIEIRA et. al, 2013). Ainda segundo esta autora, a família pode ser lida também enquanto um local de exploração econômica das mulheres, pois, nela, dá-se uma apropriação material pelos homens de sua força de trabalho, sejam elas esposas, mães, filhas.

O mesmo pode-se afirmar em relação ao trabalho feminino em Vila Nova, onde a mulher está sempre junto ao marido em todas as tarefas. Quer seja na roça, na casa de farinha ou cuidando de peixes no tempo dos peixes, dos mexilhões no tempo dos mexilhões. Sempre executam tarefas que junto ao trabalho doméstico se estendem ao longo do dia. Esta intensa jornada de trabalho, para servir a família, tem uma segunda motivação: ajudar o marido.

2.3 - A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NUMA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

O trabalho seria, segundo o Dicionário de Sociologia (GALLINO, 2005, p. 632)

> *... uma atividade intencionalmente voltada, mediante um certo dispêndio de tempo e de energia para modificar de um determinado modo as propriedades de um recurso qualquer material (um bloco de metal, uma gleba de terra) ou simbólico (uma série de cifras ou de palavras) – modo que representa o escopo do trabalho – e daí aumentar a utilidade dele para si ou para outros com o fim último de tirar dele por vias mediatas ou imediatas meios de subsistência.*

Como se pode observar, o conceito de trabalho, em seu sentido universalista e abstrato, não faz nenhuma referência a diferenças sexuais, geracionais, étnicas, que são estruturantes do trabalho em geral.

Toma-se o conceito de divisão sexual do trabalho como o processo pelo qual as atividades de produção e reprodução sociais são diferenciadas, especializadas e

desempenhadas através da separação das atividades de produção de bens e serviços de acordo com o sexo de quem as realiza (KERGOAT, 2003). É a forma de divisão do trabalho decorrente das relações sociais de sexo que tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor agregado (KERGOAT, 2009).

Há indícios de que desde a origem da humanidade o privilégio biológico permitiu aos homens firmarem-se sozinhos, como sujeitos soberanos (PISCITELLI, 2002). Interpretações biológicas buscaram legitimar a divisão sexual do trabalho, argumentando que a distribuição entre trabalho feminino e masculino seria consequência de fatores inerentes à natureza dos homens e das mulheres- homem (público): provedor da família e trabalho de produção, força física, raciocínio lógico, habilidade em comando; - mulher (privado): trabalho de reprodução, paciência, atenção, destreza (RAMOS, 2009). Ou seja, destinos determinados pela biologia e pela fixidez dos lugares, dos papéis, das funções.

O conceito de divisão sexual do trabalho é refletido contando-se com dois princípios: o de “separação”, porque há trabalhos de homens e trabalhos de mulheres e o “hierárquico”, porque o trabalho dos homens tem mais valor do que o trabalho das mulheres (HÉRITIER- AUGÉ, 1984). Contudo, reafirma-se aqui a não pretensão de discutir questões relacionadas ao gênero, embora o termo divisão sexual seja central para este estudo e o gênero seja fundamental para uma compreensão mais aprofundada. Atentou-se especificamente a divisão sexual do trabalho entre homens e mulheres, tendo como foco a participação das mulheres na cadeia produtiva do mexilhão em Vila Nova.

No que tange à história da discussão em torno do conceito de divisão sexual do trabalho: o início das Ciências Sociais deu-se ancorado em generalizações a partir do conceito de um individuo universal, pensado em termos de sua posição nas relações sociais (categorias articuladas à produção econômica, nacionalidade, religião). As diferenças biológicas não tinham estatuto de objeto de estudo, pois eram “naturalizadas”, ou seja, a mulher e o sexo estavam no plano da natureza.

O sexo feminino se definia como um ser singular, fixo, biológico, naturalizado assim como a natureza era pensada em termos de fatos congênitos constantes, imutáveis. O sexo masculino, por sua vez, era associado ao cultural, plural, ao não fixo, variável, assim como a cultura, a qual era pensada em torno de fatos construídos, adquiridos, mutáveis.

No final do século XIX identifica-se a luta das sufragistas, as quais enfatizavam a respeitabilidade sexual das mulheres. Mas o movimento feminista do século passado foi fundamental para o desenvolvimento do conceito e a problematização teórica das relações entre homem-mulher; homem-homem; mulher-mulher; masculino-feminino. Enfim, das relações sociais de gênero. O movimento feminista e as reflexões teóricas e acadêmicas que a ele se agregaram têm sido identificados a partir de três ondas.

1ª.) *Universal.* Esta fase se caracterizou pela interpretação sobre as posições de gênero a partir de uma perspectiva binária/de oposição e de caráter universalista (homem e mulher universais e hostilidade às lésbicas e suas práticas). A obra *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir (1949) é um dessa fase. Nela, o homem representaria o sujeito universal e a mulher seu outro absoluto, legitimando de alguma forma a condição biológica.

As décadas de 1960 e 1970 foram marcadas pela ideia de um patriarcalismo universal. Várias décadas depois da referida publicação, a perspectiva universalizante e o essencialismo ainda indicam a força do pensamento de Beauvoir. Características para homens como objetividade, atuação, individuação, isolamento e solidão, e para mulheres comportamento comunal, cooperação e subjetivismo. No final da década de 1970 foi publicada a coletânea *A mulher, a cultura, a sociedade* (ROSALDO e LAMPHERE, 1979), que incluiu, por exemplo, o artigo “Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura?”.

2ª.) *Relacional.* A partir da década de 1980 identifica-se o perigo do essencialismo desta leitura (cujo processador da diferença se ancorava no fato de as mulheres terem a capacidade reprodutiva). As principais questões desta fase foram:

- Desconstrução da mulher universal; desnaturalização e dessencialização da categoria mulher, a qual se fraciona e se multiplica (mulher operária, negra, analfabeta).

- Conceito de gênero como eixo organizador da compreensão da subordinação das mulheres.

- Perspectiva relacional entre os gêneros (relações sociais de gênero). Destaque para as relações assimétricas de poder entre homens e mulheres. Importância de Scott (1995) que definiu gênero como um elemento constitutivo das relações sociais construídas a partir das diferenças (percebidas) entre os sexos e como uma forma primária de dar significado às relações de poder.

- A natureza segue associada a fatos congênitos, constantes e a cultura articulada aos fatos construídos, adquiridos, mutáveis. Mas a matriz sexo-gênero desloca os sentidos anteriores. Agora, tanto o sexo masculino como feminino são pensados como seres biológicos, singulares, fixos e gênero pensado para homens e mulheres, como seres culturais, plurais, cambiantes.

3ª.) *Plural* (atual). A perspectiva relacional passou a ser lida criticamente, devido ao seguinte perigo: ao se privilegiar as diferenças percebidas entre os sexos, poderia se perder a dimensão histórica da construção dos corpos-sexuados (diferenças inerentes aos corpos-sexuados)?

Já na década de 1980 alguns estudos sinalizaram para a necessidade das investigações sobre sexualidade se deslocarem dos estudos de gênero hegemônicos (matriz sexo-gênero como categorias independentes - Rubin, 1989). Indica-se, então, a limitação do conceito de diferenças sexuais porque esse aprisionaria o pensamento crítico feminista a uma estrutura conceitual marcada pela oposição universal de sexo e pelo heterossexual.

Sem dúvida, o avanço da reflexão feminista gerou uma crítica ao modelo dominante de produção do conhecimento científico, pois propõe modos alternativos a este (nova linguagem, postura, contra-discurso); categorias assumidas como politizadas (ferramenta desconstrutiva e instrumento para produzir efeitos/mudanças

na sociedade) e politização do mundo privado – *o pessoal também é social, é político* (DELPHY,1998).

Também se pode afirmar que foi gestada uma epistemologia feminina, pois se identificam rupturas com postulados tradicionais de pesquisa científica: subjetividade como forma válida de conhecimento; novas relações entre teoria e prática (agente epistêmico não isolado do mundo); e entre sujeito e objeto do conhecimento; novas metodologias que evidenciam as relações de poder constitutivas da produção dos saberes, a fragilidade das noções de objetividade e de neutralidade, e valores masculinos do paradigma hegemônico; desconstrução das grandes sínteses, das unidades e identidades "naturais".

No conjunto destes novos estudos sobressaem as críticas de Butler (1999) ao heterossexismo, à matriz heterossexual e à perspectiva binária, para a compreensão de gênero, das identidades de gênero e da sexualidade. Identificam-se deslocamentos entre corpo e sexualidade; entre corpo e subjetividade e entre corpo e as *performances* de gênero. Conceitual e metodológica relativa de gênero, sexualidade e sexo; e o corpo pode ser pensado como significante em permanente processo de construção e com múltiplos significados.

Junto com este movimento teórico, identifica-se a legitimidade das sexualidades divergentes e as *performatividades* de gênero.

> *A partir de reiterações contínuas, realizadas mediante interpretações em atos das normas de gênero, os corpos adquirem sua aparência de gênero, assumindo-o em uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados no tempo* (BENTO, 2006, p.87)

De qualquer forma, voltando à segunda metade do século passado e ao conceito de divisão sexual do trabalho, há que se sublinharem as reflexões que se desenvolvidas na França, as quais foram fundamentais para a compreensão do conceito (HIRATA & KEERGOAT, 2007).

Sob o impulso do movimento feminista, uma onda de trabalhos deram rapidamente as bases teóricas do conceito de Divisão Sexual do Trabalho (BATAGLIOLA *et al*., 1986). Esse foi objeto de trabalhos precursores em vários países (MADELEINE GUILBETH; ANDRÉE MICHEL; VIVIANE LAMBERT-JAMATÍ, 1966). Em particular, o movimento feminista da França no começo dos anos 70 ampliou a leitura marxista e focalizou a análise do trabalho doméstico como atividade, com o mesmo peso ou importância de trabalho profissional. Esse deixa de ser visto como um processo natural, e passa a ser lido como uma expressão central da assimetria existente nas relações entre homens e mulheres. Foi central a tomada de consciência que tornou evidente que uma grande massa de trabalho era realizada gratuitamente pelas mulheres e, por conseguinte, invisível. A partir da esfera doméstica e da esfera profissional, nasce o conceito de Divisão Sexual do Trabalho com o *status* de articulação entre ambas: família e sistemas produtivos. Aos poucos os estudos se tornaram mais complexos, incorporando questões chaves tais como o tempo social, a qualificação, a produtividade, a competência e favorecendo alguma visibilidade social às mulheres.

A complexidade do relógio biológico do tempo humano delimita e orienta a dinâmica do processo onde o discurso científico classifica, a medicina prescreve, o mercado de trabalho delimita e o direito fixa limites. O envelhecimento é uma construção feita de passagens obrigatórias, na esfera doméstica e na esfera profissional. O Tempo Social (LANGERVIN, 1997), dentre outras marcas, define o apogeu socioeconômico do fim da idade adulta. Com a desestabilização dos calendários femininos, ao mesmo tempo no mercado de trabalho e na esfera familiar, este período é mais desvantajoso para a sobrevivência da mulher do que para a do homem, no último terço da vida.

Kergoat (1982) apresenta tendências relativamente recentes do debate em Sociologia e em Economia do Trabalho, tratando da evolução das qualificações e da divisão social do trabalho consequente às mudanças tecnológicas e configurando um novo paradigma produtivo. É neste ponto que esta autora inclui a crítica ao fordismo e aborda a questão da subjetividade.

Produtividade e Competência (ZARIFIAN,1982; HIRATA & KERGOAT, 1988) remetem a um sujeito e a uma subjetividade e leva a interrogar sobre as condições

subjetivas da produção, incluindo a análise das relações de gênero, quase sempre ignoradas pelos teóricos e estudiosos mesmo dos novos paradigmas de organização e produção. Um exame de textos a cerca de empresa, a divisão sexual do trabalho e a inovação mostrou que tais inovações podem reforçar a marginalidade das mulheres e podem constituir uma dificuldade a mais, sobretudo para as mulheres não qualificadas. (HIRATA, H. 1991).

Dentre as precursoras da discussão em torno da divisão sexual do trabalho, destacou-se Daniele Kergoat, socióloga, diretora de pesquisas que abordam temas como as relações sociais de sexo, e de trabalho, e o conceito de relações sociais, e movimentos sociais. Entre seus artigos publicados no Brasil merece destaque: *Relações Sociais de Sexo e Divisão Sexual do Trabalho**[4]. Com Helena Hirata, publica novas configurações da divisão sexual do trabalho**[5], ainda com Hirata, *Divisão sexual do Trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão****[6]. A autora enfatiza:

> *As condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, mas antes de tudo construções sociais. Homens e mulheres não são uma coleção ou duas coleções de indivíduos biologicamente distintos. Eles formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica: as relações sociais de sexo. Esta como todas as relações sociais, tem uma base material, no caso, o trabalho, e se exprimem através da divisão sexual do trabalho entre os sexos, chamando de maneira concisa: Divisão Sexual do Trabalho. As relações entre homens e mulheres são hierárquicas, assimétricas, estruturante* (KERGOAT, 2009 p. 67).

O movimento e a reflexão feminista indicaram, crescentemente, a opressão específica das mulheres, evidenciando que uma enorme massa de trabalho era

[4] *In; Lopes, Meyer e Waldow (orgs) Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
[5] **Caderno de Pesquisa, v.37, Set/Dez. 2007.
[6] ***In: Costa, Soy, Bruschini e Hirata (orgs) Mercado de Trabalho e Gênero-Comparação Internacionais. RJ: FGV, 2008.

realizada gratuitamente pelas mulheres; que esse trabalho era invisível, que era feito não para si, mas para os outros, e sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal.

As análises dessa forma de trabalho criam visibilidade nas Ciências Sociais e o trabalho doméstico passa a ser analisado como atividade com o mesmo peso de trabalho profissional. As atividades domésticas e profissionais passam a ser relacionadas em termos de uma divisão sexual do trabalho, cujas bases teóricas são: as relações sociais do sexo; o trabalho doméstico e a invisibilidade do trabalho feminino, o que será tratado a seguir.

2.3.1 - As relações sociais de sexo, o trabalho doméstico e a invisibilidade do trabalho feminino

As relações sociais de sexo transversalisam todos os campos do social. De acordo com Hirata e Kergoat (2005), a teoria sociológica da divisão sexual do trabalho reúne os paradigmas da Sociologia, na medida em que esta amplia o conceito de trabalho e anuncia uma perspectiva da contradição e do conflito à diferença da lógica neo-funcionalista e neo-parsoniana. Hirata (2002) considera que a introdução de categorias sexuadas de análise permitiu uma renovação teórica às Ciências Sociais.

A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do social trabalho decorrente das relações sociais de sexo e se caracteriza pelas esferas pública e produtiva para os homens e pelas esferas reprodutiva e particular para as mulheres, sendo o trabalho das mulheres invisibilizado, sobretudo porque naturalizado. Além de invisibilizado, feito não para si, mas para os outros.

Le Doaré (1994) *apud* Hirata (2002) esclarece que as condições de trabalho dos homens e das mulheres mudam de acordo com o contexto histórico, cultural e econômico, mas são estruturante, pois seguem a mesma linha de divisão das atribuições de homens e de mulheres.

A divisão sexual do trabalho revelou-se importante com a crescente participação das mulheres na indústria, especificamente, sobretudo a partir da

década de 1970, com a consequente feminização do mundo do trabalho, ainda que as mulheres continuem a ter remuneração mais baixa do que os homens, mesmo que a jornada de trabalho e a qualificação sejam iguais, atualizando os dois princípios organizadores que norteiam a discussão sobre divisão sexual do trabalho, quais sejam, o da Separação, no qual há trabalhos de homem e de mulher, e o Hierárquico, onde o trabalho de homem vale mais do que o trabalho de mulheres. Dois (HIRATA & KERGOAT, 2008).

O estudo trata de verificar se e como os referidos princípios, ou seja, o da Separação e o Hierárquico ocorrem em uma comunidade que se organiza enquanto uma "civilização do mangue" [7], buscando compreender o sentido de ser e fazer nesse tipo de sociedade. Foram consideras questões como hierarquização, assimetria, discriminação, subordinação, exploração, opressão entre as duas categorias de sexo, presentes nos debates de sociólogas feministas, principalmente nas pesquisas sobre famílias, modo de produção doméstico e trabalho doméstico (CHABOUD–RYCHETER *et al*, 1985; DELPHY,1998). Nesse sentido, o ambiente familiar pode ser entendido enquanto um local de exploração econômica das mulheres.

Muitos estudos antropológicos indicam que todas as sociedades humanas conhecidas possuem uma divisão sexual do trabalho, uma diferenciação entre os papéis masculinos e femininos, tendo a família sua forma mais explícita; procuram mostrar o modo como as tarefas domésticas como o cuidado com a casa e com os filhos são partilhadas entre os homens e as mulheres e apontam como as mulheres desfrutam de uma posição menos privilegiada que o homem no ambiente doméstico, as quais são responsáveis pelos afazeres do lar e dispõem de menos tempo para o lazer.

Elas trabalham fora em empregos remunerados, mas menos remunerados do que os homens. Há uma relação desigual de poder dentro das famílias. Sendo assim, Hirata & Kergoat (2002) afirmam que a divisão sexual do trabalho encontra-se em todas as sociedades. Ancoradas em historiadores, sociólogos, etnólogos, estas autoras elas sugerem que as modalidades dessa divisão variam fortemente no tempo e no espaço. As relações sociais entre homens e mulheres são relações

[7] Conceito que será tratado posteriormente.

desiguais, hierárquicas, assimétricas e antagônicas. No geral, o tempo da mulher é marcado pela superposição de atividades enquanto o do homem se centra em uma, no máximo duas atividades (como a pesca e a agricultura, na região).

No Brasil, a esse respeito Bruschini (2006) aborda três aspectos relevantes: a) o trabalho doméstico é pesquisado desde os anos 70, quando as pesquisadoras feministas solicitam a incorporação nos órgãos oficiais de levantamento de dados, conceitos e perguntas mais adequadas, para que se tornem visíveis as atividades realizadas pelas mulheres; b) registro do histórico dos estudos no uso do tempo com vistas à mensuração das atividades dos indivíduos para reprodução e produção; c) nova contribuição no tema apresentando o resultado de um estudo sobre o tempo semanal médio gasto por mulheres e homens, no Brasil, segundo variáveis relevantes.

Nas categorias da pesquisa destacam-se os afazeres domésticos manuais (limpar a casa, lavar e passar roupas, cozinhar, etc.) e não manuais (cuidar dos filhos, dos idosos e dos doentes, administrar a casa e o cotidiano doméstico, fazer as compras, etc.). Bruschini (2006) afirma que qualquer análise sobre o trabalho feminino, procurando romper velhas dicotomias, estará atenta à articulação entre produção e reprodução, assim como as relações sociais de gênero.

Os anos 70 marcaram o processo de desenvolvimento de pesquisas sobre o trabalho da mulher também no Brasil. Dentre várias autoras destacam-se Saffioti (1969) e Blay (1978), o ano internacional da mulher, elas mostram o feminismo como movimento social apresentando-o como objeto de estudo. Os estudos incidiram sobre a dicotomia entre produção e reprodução. A análise das condições da mulher a partir do seu papel na reprodução da força de trabalho deu início às discussões sobre o trabalho doméstico, indicando-se, de partida as dificuldades e as decorrentes inadequações da mensuração das atividades das mulheres.

A análise teórica sobre o tempo, no capitalismo (DEDECA, 2004), propõe a articulação do seu uso na reprodução social: o tempo econômico masculino é maior do que o feminino, enquanto o tempo feminino na reprodução social é maior do que o masculino. O aumento do tempo na jornada de trabalho prejudicou as mulheres

porque o tempo do trabalho doméstico, a reprodução social e a família, não tendem a diminuir.

Labrecque (1994) escreve que enquanto as produtoras continuam a assegurar a produção de valores de uso, os homens em grande parte, são projetados para produção de valores de troca, através da venda de sua força de trabalho no mercado, no espaço público, mais valorizado do que o espaço da reprodução, ainda universo, sobretudo, das mulheres. Ademais, quando o trabalhador se apresenta no mercado de trabalho, há toda uma preparação prévia não valorizada socialmente. Está ai o trabalho invisível assumido pelas mulheres: a reprodução da força de trabalho.

Assim, entende-se aqui a divisão sexual do trabalho como uma categoria utilizada para indicar a destinação e execução de tarefas distintas para homens e mulheres, mas essa categoria tem que ser pensada para além de uma simples divisão de tarefas domésticas, ela implica uma diferenciação de funções marcadas por assimetrias e controle da hierarquia, da qualificação, da carreira e do salário.

No que toca à organização da produção pesqueira analisada pelo ângulo da divisão sexual do trabalho Maneschy & Escalier (2002) indicam que investigar os trabalhos das mulheres, bem como suas inter-relações com a organização da atividade pesqueira, implica levar em conta o peso das assimetrias que estão presentes nas relações sociais entre os sexos. Essa abordagem significa trabalhar com pré-noções acerca dos lugares atribuídos a mulheres e homens nas sociedades, com pressões que interpõem as determinações de classe e de *status.* Essas pressões afetam mulheres e homens de maneiras específicas, sendo geralmente mais limitantes para as mulheres, pois tendem a confiná-las em determinados espaços e funções.

Maneschy *et al.* (1995), a partir de pesquisas realizadas sobre o movimento de pescadores, esclarecem que historicamente, mulheres pertencentes a distintas categorias de trabalhadores têm sido ignoradas, invisibilizadas e excluídas das esferas de participação e de decisão junto a órgãos do Governo. Em algumas comunidades as mulheres não chegam a reconhecer a importância do seu trabalho e não foi encontrada nenhuma indicação deste reconhecimento.

A submissão da mulher em casa, na sua comunidade, pelo fato de que ela não estuda, só contribui para que ela aceite mais passivamente a dominação social mais ampla, exercida pelos que detêm o poder econômico e político na sociedade como um todo. É bem o caso das mulheres da comunidade de Vila Nova que estão situadas no entorno da RESEX e não participam das reuniões assim como não usufruem de nenhum benefício advindo dela.

3

METODOLOGIA DA PESQUISA

Este estudo constitui-se de dois momentos: o estudo bibliográfico, seja nas disciplinas cursadas na pós-graduação ou nos estudos originados pelas discussões no ESAC, ou nas bibliografias especificas sobre a temática em questão; segundo, a pesquisa de campo, que permitiu o mergulho na apreensão da realidade e na busca de categorias de análises que envolvem as populações tradicionais, o extrativismo na Amazônia e a divisão sexual do trabalho.

Utilizamos a pesquisa qualitativa (CHIZZOTI, 2001), empregando como instrumentos de coleta de dados: entrevistas semi-dirigidas, observação direta e participativa, aplicação de formulário (com perguntas abertas e fechadas), conversas informais.

A investigação privilegiou a participação da mulher na atividade extrativista de *Mytella charruana* na comunidade Vila Nova. Essa comunidade foi escolhida devido toda população estar engajada principalmente, na extração do referido molusco, tendo como local exclusivo de coleta a Ilha das Pedras a margem direita do estuário do Rio Urumajó (01º00’59,4’S e 0,46º37’40,3’’W), no município de Augusto Correa, (MELO, 2007).

3.1 COLETA DE DADOS

A coleta de dados da pesquisa foi realizada em três momentos: dezembro/2013 (17-19), janeiro/2014 (03-05) e fevereiro/2014 (15-17), durante 3 dias de cada mês , correspondendo o período de lua cheia e também quando ocorrem as maiores densidades da espécie estudada.

O processo de coleta de dados foi desenvolvido da seguinte forma:

a] Para caracterização da comunidade de Vila Nova, utilizou-se levantamento do histórico da comunidade com informantes-chave, de acordo com o protocolo sugerido em Davis e Wagner (2003), os quais detinham conhecimentos sobre o inicio do povoamento local desde a década de 1960. A composição da amostra seguiu o método denominado *snowball*, *snowball sampling* ou Bola de Neve

(sugerido por Albuquerque e Lucena (2004), apoiado em Goodman, 1961). Esse se baseia em um ou uma participante inicial da pesquisa, o qual indica um novo participante a ser entrevistado e assim sucessivamente, até que seja alcançado ponto de saturação. Esse é alcançado quando os novos entrevistados começam a repetir dados e informações já obtidos em entrevistas anteriores, não acrescentando informações relevantes. Essa técnica não é probabilística e é bastante utilizada em pesquisas das Ciências Sociais. Os dados sobre a situação habitacional, tais como tipos de construção, infra estrutura de saneamento (banheiros, esgoto sanitário,

sistema de água) e limpeza pública, foram levantados através da observação *in loco* com uso de formulário e de conversas informais em todas as moradias da comunidade.

b] Para identificação da dinâmica sazonal na coleta do *Mytella charuana* e sua cadeia produtiva (período de coleta, produção, e renda) e as técnicas de manejo utilizadas na coleta e catação, foi necessário acompanhar dez famílias coletoras, três vezes por mês. Essas famílias foram selecionadas em função de, na fase da coleta organizarem-se em um único grupo de trabalho atuando num mesmo local. Imagens fotográficas registraram o cenário do processo produtivo das mulheres a fim de obter contribuições visuais para as análises elaboradas. Para verificação da renda na produção do mexilhão, os dados foram coletados três (3) vezes a cada mês, totalizando 09 amostras.

c] Para observação do comprimento da concha do mexilhão no manejo, foi necessário coletar amostras de conchas (N=30) dos mexilhões beneficiados para comercialização a cada mês do estudo, sendo um total de 90 conchas selecionadas ao mês. A medida de comprimento (mm) foi verificada utilizando-se um paquímetro de precisão de 0,05 mm cedido pelo Laboratório de Malacologia (Instituto de Estudos Costeiros/Campus Bragança), e no Laboratório de Educação Meio Ambiente e Saúde (LEMAS/Faculdade de Educação) as conchas foram lavadas, secas, etiquetadas, analisadas, e medidas.

3.2 ANÁLISE DE DADOS

Encaminhamos nossa análise articulada no socioambientalismo através de algumas categorias, tais como: divisão sexual do trabalho, cadeia produtiva, invisibilidade do trabalho feminino e comunidade tradicional.

As análises estatísticas foram direcionadas para avaliar as diferenças no comprimento da concha de *M. charruana* entre os meses estudados, através do teste não paramétrico ANOVA de Kruskal-Wallis. As diferenças observadas por esse teste foram avaliadas a posteriori pelo teste Student Newman-Keuls com nível de significância de $p<0,05$. Todas essas análises foram conduzidas através dos pacotes STATISTC 5.0 e BIOSTAT 5.0.

4

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1. CONHECENDO A COMUNIDADE VILA NOVA / BRAGANÇA – PA.

4.1.1. Localização, História e Aspectos Físicos

A Comunidade Vila Nova fica a 9 km da sede do município de Bragança, numa vicinal a 2 km da PA 242 (ALVES, 1998) que liga Bragança ao município de Augusto Correa, sendo a primeira localidade dessa vicinal e pertence ao Distrito de Caratateua, embora tenha relação de proximidades com o polo distrital do Treme, do qual dista 5km.

O processo de ocupação territorial data do início da década de 1960 com a chegada da família Alencar, que veio em busca de terras favoráveis para plantio.

> *Meu pai chegou por primeiro neste lugar e, com meus irmãos, começaram a cultivar a terra, para plantar mandioca. Deu certo. A produção da farinha, deu certo (Seu Alencar,73 anos, um dos primeiros moradores do local).*

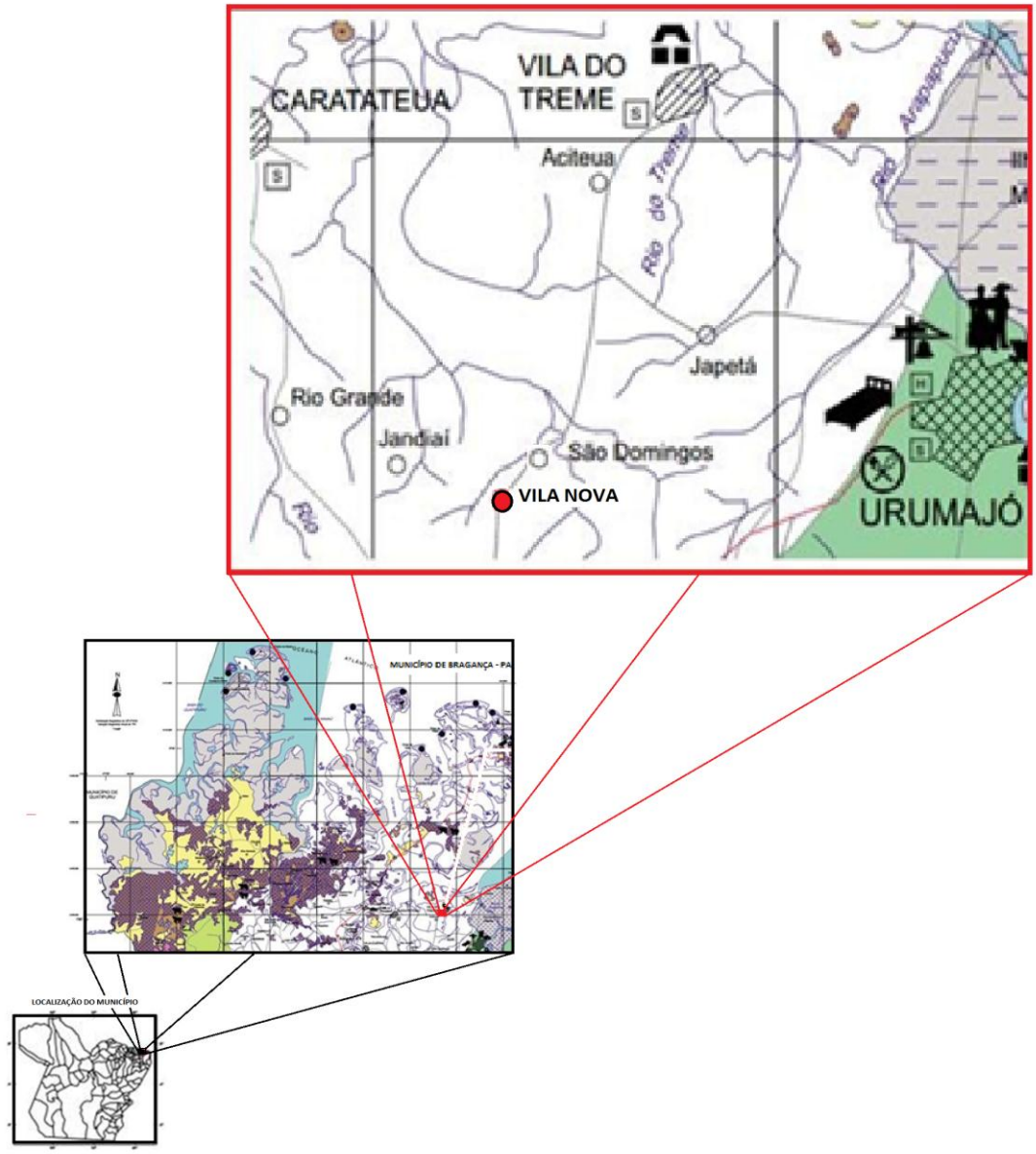


Figura 3 – Localização da comunidade Vila Nova, pertencente ao distrito de Caratateua, no entorno da RESEX Marinha Caeté Taperaçu, em Bragança, município no nordeste do Estado do Pará. Fonte: Mapas retirados de http://www.cprm.gov.br/gestao/ecotur/pturis tracuateua.pdf e adaptado por Vando Costa Gomes e Eduardo Gomes/2015.

Sendo a terra favorável para a agricultura, outras famílias foram se agregando e como vila nova não possuía nenhum dono, começaram a construir suas casas, instalando-se próximo a comunidade de São Domingos, que fica em torno de 1 km de distância, mas que pertencia ao Distrito do Treme, dando assim início a comunidade.

Na ocupação os moradores encontraram dificuldades, como relata Sr. Alencar:

> *... a dificuldade era a água porque cavava o poço e não dava, tinha que cavar em outro lugar, tudo melhorou quando a luz passou pro Treme; dai pode se contar com poço artesiano (Seu Alencar).*

Com a chegada da energia elétrica, na década de 1970, houve a instalação de outras famílias, oriundas do Cortiçal, uma localidade das proximidades, que ocuparam o lado extremo da Comunidade que estava se formando. Os novos moradores construíram barracos de taipa, em função da incerteza da permanência na terra, devido a possibilidade dessa área pertencer aos Batistas, uma família que tinha chegado, marcado a terra, mas não a ocuparam.

> *Com o tempo e a colocação da energia as pessoas que moravam longe, vieram pra mais próximo da estrada e se juntaram a Vila Nova, nos espaços que não estavam ocupados. Foi quando apareceram os Batistas se dizendo donos da terra. Então reuni onze moradores, medimos os terrenos e, fomos a Prefeitura de Bragança para resolver a situação (Seu Sebastião 58 anos, líder desse agrupamento de moradores).*

Percebe-se aí o início de um conflito de interesses que marcou o povoamento da nova localidade. Esse conflito gerou uma divisão na Comunidade: o agrupamento dos moradores mais antigo (década de 60) e o agrupamento dos novos moradores (década de 70).

.

> *Como os Batistas, só se diziam donos, mas não mostravam nenhum documento, continuei com os outros onze moradores, a procurar nossos direitos: depois de pagar para o Ministério Público, três mil contos, que conseguimos, com muito sacrifício, juntar; então tivemos o documento de posse da terra. Todo ano a gente paga cinquenta contos de imposto para a Prefeitura (Idem)*
>
> .

Deu-se então a construção da liderança desse grupo de novos moradores, que são discriminados pelo grupo mais antigo, que os chamam de “favelados”, devido as casas de taipa que ainda fazem parte do cenário da comunidade. Registre-se que, no período deste estudo, um morador do grupo conseguiu substituir a casa de taipa por uma de alvenaria.

Atualmente (ano 2015), Vila Nova constitui-se de 50 moradias à margem da vicinal que liga Bragança à Vila do Treme (Figura 4-).

Figura 4. Vista da comunidade com casas do lado esquerdo e direito. Foto: Pompeu Araújo, 2015.

As construções das residências variam, apresentando-se umas de taipa, cobertas de telha do tipo Brasilit ou palha (N=38%), e outras, a maioria, em alvenaria (N=54%) (Figura 5).

.

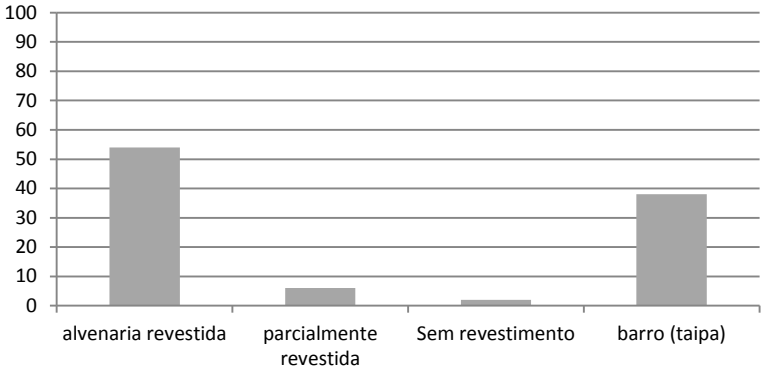


Figura 5- Tipo de Construção das casas de Vila Nova

As casas estão dispostas nos dois lados da vicinal, vinte e cinco de cada lado, em terrenos abertos (sem cercados) mas demarcadas com árvores plantadas (Figuras 6 e 7).

Figuras 6 e 7 - Casa de taipa e de alvenaria construídas (Ribeiro, 2014)

Em relação as instalações sanitárias, a maioria das casas possui banheiros fora das residências (N=40%) (Figura 8).

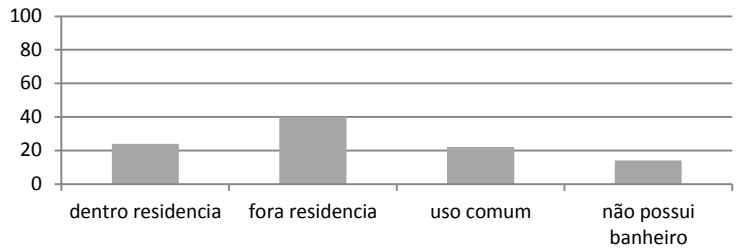


Figura 8- Localização de banheiros das residências de Vila Nova

A Figura 6 mostra que na comunidade, 40% das moradias, os banheiros são fora das casas, mas já há a preocupação dos moradores em construir essas instalações (23%) dentro das moradias, contudo ainda se apresenta o hábito de uma prática antiga,-a do banho em locais de uso comum-, o que é confirmado por haver casas que não dispõem desse cômodo. Isto demonstrado na Figura 9, que apresenta os tipos de esgoto sanitário:

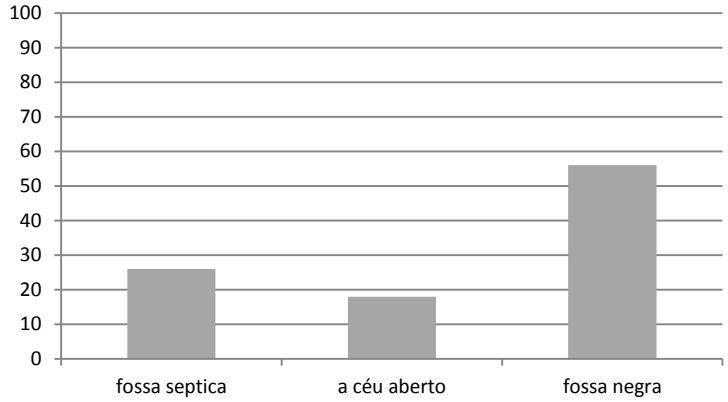


Figura 9. Tipos de esgoto sanitário das residências de Vila Nova

A Figura 9 ainda vem demonstrar que, embora haja fossas sépticas, a maioria são as fossas negras, muito comum na Amazônia; e, como ainda se pratica o uso coletivo destes espaços, há as que ficam a céu aberto.

4.1.2 As políticas públicas de atendimento à Comunidade

No que se refere ao abastecimento de água, a população não depende do poder público, uma vez que é servida por poços artesianos coletivos (Figura 10), construídos nos terrenos das residências. Observou-se, então, que alguns poços são construídos sem os devidos cuidados sanitários, tais como a distância das fossas.

Figura 10. Imagem da comunidade com o poço artesiano. Foto: Pompeu Araújo, 2015.

Quanto a energia elétrica, todas as residências têm acesso a esse bem, com registros individuais. Na Vila não há coleta de lixo, então, os moradores, na estação chuvosa enterram os resíduos, e na estação seca fazem incineração.

Quanto ao atendimento à saúde, não há na comunidade Unidade de saúde. Os moradores quando necessitam desse serviço dirigem-se a sede do município vizinho, Augusto Corrêa.

> *Não temos posto de saúde. Quando precisa de alguma coisa, vamos para Augusto Corrêa, que é mais perto tem hospital e a gente fica bem atendido lá (Dona Aculula,46 anos).*

No que se refere a educação, as crianças e adolescentes frequentam a escola da Comunidade de São Domingos. Na localidade não há escola nem creches.

4.1.3 Situação socioeconômica

A população professa a religião católica ou evangélica, havendo na comunidade, igrejas das duas correntes religiosas (Figura 11- A e B).

A

Figura 11- A. Igreja evangélica.

B

Figura 11. B- Igreja católica e o salão Comunitário Bom Pastor.
Foto: Ribeiro, 2014.

Cada igreja possui ao lado uma com espaço para a realização de eventos como reuniões, palestras, festejos. Na economia, como já foi observado, a ocupação inicial dos moradores de Vila Nova foi a agricultura familiar, com dedicação ao plantio da mandioca, para a produção da farinha, uma tradição da economia do município. Essa atividade ainda permanece até os diais atuais; as famílias produzem farinha durante o ano inteiro. Paralelo a essa atividade, os moradores tem várias outras ocupações sazonais como colheitas de frutas, dedicação à pesca, entre outros.

Na comunidade, existe uma pequena venda de produtos de primeiras necessidades que as pessoas tem como básicas: arroz, açúcar, café, etc. (Figura 12), para atendimento ao lugar.

Figura 12: Janela da única vendinha existente na comunidade Vila Nova
Foto: Ribeiro/2014

Toda população ativa de Vila Nova é vinculada ao Sindicato dos Trabalhadores de Bragança, como lavradores ou lavradoras.

> *A meu ver é muito importante a gente ser do Sindicato. A gente é lavrador e lavradora, é assim que está lá no sindicato. Já se aposentou dois daqui, o sindicato é de verdade (Dona Aculula).*

Nesta fala, observam-se a confiança depositada no Sindicato dos Trabalhadores Rurais e o orgulho de lhe serem filiados,o que lhes garante atendimento à saúde e futura aposentadoria.

4.1.4 Aspectos culturais

Vila Nova confirma as afirmações de Lima e Pozzobom (2005) segundo as quais tanto a cosmologia indígena quanto a das demais populações tradicionais amazônicas concebem,

> *uma ordem integrada e comunicante entre a sociedade e a natureza, como se revela numa série de histórias de transformação de pessoas e espécies animais em seres míticos pelo 'encante', além de vastos conhecimentos ecológicos (LIMA e POZZOBON, 2005, p. 49).*

Trata-se de uma cosmoecologia à qual correspondem formas de comunicação e de interação com o ambiente, ancoradas em uma série de mitos, de lendas, de proibições, de sanções, de tabus fundamentais, tais como ... *o curupira, as mães de bichos, a panema e outros tantos* (LIMA e POZZOBON, 2005, p. 49*),* na regulação das atividades de exploração dos recursos naturais.

Como suas atividades são plurais (Figura 13), além da agricultura, o extrativismo é responsável por um significativo nível de ocupação e de renda, além de ser importante na manutenção da grande diversidade cultural, vinculada, por sua vez, às atividades desenvolvidas pelos coletores artesanais (DIEGUES, 1995).

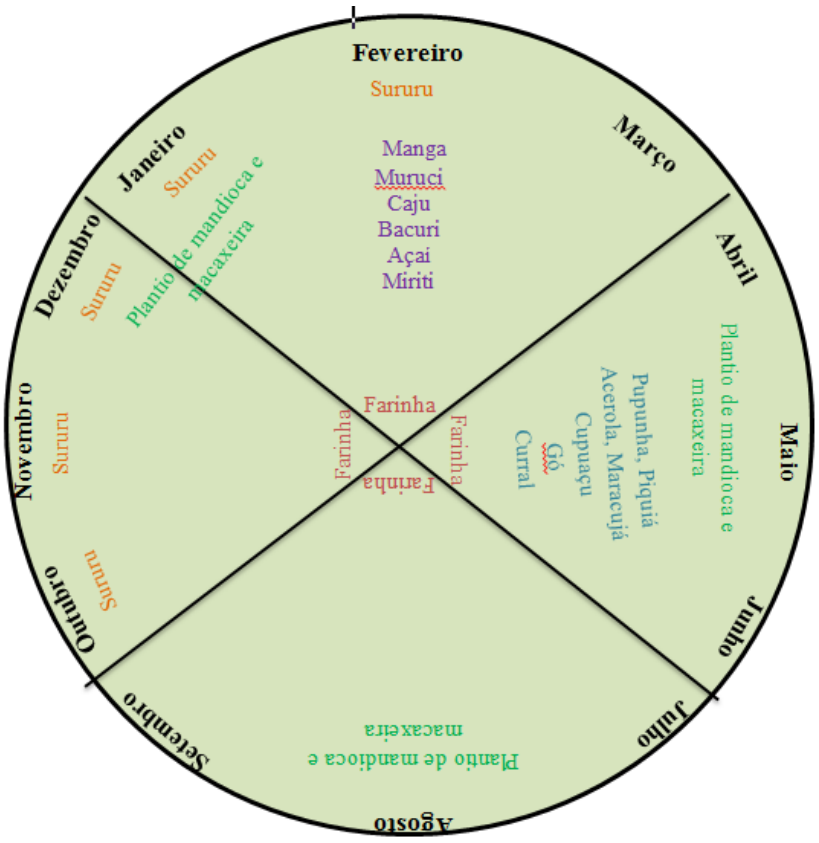


Figura 13 – Demonstração do ciclo de ocupação sazonal na comunidade Vila Nova.

Dentre o conjunto de ocupações de trabalho e de prática extratitivista destacam-se a coleta e o beneficiamento do *Mytella charruana*, que é o produto de maior valor de mercado na comunidade e, por isso mesmo, o item mais importante na composição da renda familiar. Esta atividade, conforme a Figura 11, ocorre durante o período de outubro a fevereiro.

Na Comunidade há uma grande diversidade de estratégias para o uso e apropriação dos recursos naturais o que inclui captação e transmissão de saberes sobre a área e sobre os fenômenos locais (DIEGUES, 1995).

Em Vila Nova, assim como nas comunidades vizinhas, ainda não se deu a revolução típica das sociedades urbano-industriais em torno do arranjo da relação trabalhador/instrumento/objeto.[8] As pessoas ainda utilizam instrumentos e tecnologias simples e assim, com seu trabalho vivo modificam os objetos, imprimindo-lhes sua ação, sua criatividade, ou seja, saber-fazer e destreza no manejo dos instrumentos são base do processo de trabalho. Vieira et al. (2013), ancoradas em pesquisas realizadas em comunidades vizinhas (Treme, Caratateua, Bonifácio) afirmam:

> *Populações tradicionais, artesanais, extrativistas, organizadas em comunidades onde o tempo social e a vida cotidiana são fortemente regidos pelos ciclos naturais; o tempo da natureza impõe suas regras de forma significativa. As atividades desenvolvidas nos vários ambientes desta zona costeira são comandadas, em boa medida, pela dinâmica natural dos diversos recursos biológicos encontrados nestes ecossistemas (Idem, p. 18).*

[8] Em Bonifácio, a atividade principal é a pesca em águas costeiras. Em Caratateua e Treme também se pesca peixes, mas na atualidade a principal ocupação é a coleta e o beneficiamento de caranguejo (*Ucides cordatus*), sendo que, no Treme, este processo encontra-se mais avançado, ou seja, proporcionalmente ocupa mais pessoas do que aquele, e o problema dos resíduos é mais evidente, assim como a divisão do trabalho é mais especializada. Em Caratateua, são mais comuns os casos em que uma mesma família coleta, prepara e cata o caranguejo em uma mesma casa. Ao homem cabe a coleta e os primeiros tratamentos do caranguejo; à mulher, o colhimento de sua carne ("massa"). O processo destes fazeres traz embutido uma complexa organização da divisão social e sexual do trabalho (HIRATA & KERGOAT, 2007). Vila do Bonifácio se distancia 35 km da sede do município de Bragança; Caratateua, a 18 km e Treme, a 15 km.

Ademais, nas práticas de escambo, de solidariedade, de ajuda mútua na organização da vida social a família é central. As famílias nucleares sempre estão imersas em práticas de solidariedade familiar: formas de colaboração entre todos os membros, relacionando-se diretamente com a organização da comunidade.

É comum nos quintais das residências haver uma pequena casa destinada para receber num período temporário, alguém da família, que estejas em dificuldades.

> *Fizemos uma casa no quintal para receber minha irmã que se separou do marido e veio morar com as crianças aqui, até ela se ajeitar. Pra nós foi bom, porque ela ajuda no trabalho do sururu da farinha. Aí ficou uma ajudando a outra (Moradora da Vila,32 anos).*

Note-se que essa é uma prática na comunidade, mas atende somente a familiares. O parentesco é um princípio organizativo fundamental e elemento central da reprodução social tanto nas comunidades vizinhas (VIEIRA et al, 2013, p. 23) e também em Vila Nova.

A dimensão familiar é mais abrangente do que a doméstica. A primeira se remete a toda uma rede de parentesco (consanguíneo e por afinidade) e a segunda se limita às pessoas que coabitam o mesmo lar.

Os grupos domésticos estão envolvidos em práticas de solidariedade familiar, isto é, formas de colaboração entre os membros, relacionando-se estreitamente com a organização comunitária. Esta, por sua vez, é fortemente articulada pelos laços de parentesco mais distantes, formando uma forte rede (sempre reatualizada e reaproximada pelos casamentos).

> *O parentesco é um princípio organizativo fundamental e elemento central da reprodução social. As relações sociais são comunitárias, ou seja, se ancoram em um sentimento subjetivo por parte dos membros de pertencer afetiva e tradicionalmente ao mesmo grupo* (VIEIRA et al., 2013, p. 23).

Destaque-se que ao contrário do movimento dominante no país, ou seja, processo de mercantilização que expulsa camponeses e populações tradicionais de suas terras, a região, incluindo Vila Nova funcionou nas últimas décadas como território de relativo livre acesso para agricultores expulsos de outras regiões.

Assim, pode-se concordar que a comunidade em estudo tem as características principais do que Diegues (1995) entende como uma “civilização do mangue”, por tratar-se de uma comunidade rural situada às proximidades de um estuários, onde a vida (econômica, social e cultural) liga-se diretamente aos ciclos lunares, sazonais e de maré, aos períodos de reprodução dos animais, à flora e à fauna dos mangues. É forte, portanto, a influência das forças da natureza sobre a vida social (GLASER, 2005). Os arranjos artesanais e o uso dos recursos naturais se sobressaem, assim como a centralidade da dimensão subjetiva do trabalho - o saber-fazer e a destreza humana no manejo dos instrumentos utilizados são base para o processo de trabalho.

4.2 A CADEIA PRODUTIVA DE *Mytella charruana*: OCUPAÇÃO SAZONAL QUE ENVOLVE TODA A COMUNIDADE VILA NOVA

Vila Nova, assim como em outras comunidades tradicionais da RESEX e de seu entorno, o Conhecimento Ecológico Local (CEL) tem importantes implicações para a conservação e o manejo da biodiversidade (POSEY, 1983). Esse conhecimento se destaca na medida em que a região bragantina encontra-se constantemente ameaçada pelas frequentes pressões sobre o uso dos recursos naturais (SOUZA-FILHO, 2001; SOUZA-FILHO E PARADELLA, 2003).

Entende-se CEL como um conjunto e um sistema de conhecimentos, de compreensões, de saber-fazer que se formaram ao longo do tempo, assentados em uma variedade de experiências e de observações individuais e coletivas, as quais

são mediadas pela cultura, (considerando-se a dinâmica ecológica e fatores ambientais e comportamentais).

Em Vila Nova, assim como nas comunidades tradicionais, o CEL tende a ser associado a pessoas mais idosas, com maior experiência acumulada no convívio e na troca de relações com a as estações, os ciclos, os recursos naturais.

> *Aqui, na comunidade, a gente espera que o seu Edmilson diga quando podemos ir tirar o sururu. Ninguém aqui da Vila sai pra isso sem ele dizer. A coleta do sururu sempre começa em novembro, mas este ano (2014), ninguém saiu em novembro, porque seu Edmilson só permitiu que fosse em dezembro. Ele sabe quando é o tempo certo para tirar o sururu. Ele está muito doente e não saiu com a gente, mas disse pra gente a hora de ir. Pode ver, ... o pessoal daqui só vai pra coleta quando Seu Edmilson libera (Edinho, 37anos).*

Afinal, o CEL se ancora em informações empíricas sobre o ambiente biofísico, habitat, comportamento da espécie-alvo, interações ecológicas (RUDDLE, 1994).

Isso faz com que se considere Vila Nova uma comunidade tradicional, também porque se trata de um grupo culturalmente diferenciado e que se reconhece como tal, que possui formas próprias de organização social, e que ocupa territórios e usa recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica. E ainda porque utiliza conhecimentos, inovações e práticas geradas e transmitidas pela tradição, tal como definida pela PNPCT - Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (BRASIL, 2007).

As relações sociais são comunitárias, ou seja, se ancoram em um sentimento subjetivo por parte dos membros de pertencer afetiva e tradicionalmente ao mesmo grupo. Em Vila Nova a organização do trabalho é baseada no grupo familiar, desde as atividades permanentes, como a produção da farinha, às atividades sazonais, como a colheita de frutos e a coleta do mexilhão.

> *O acesso aos recursos é garantido pelo fato de se pertencer à comunidade e participar do mesmo universo simbólico de normas e proibições, em geral, fundado numa complexa teia de relações familiares...* (DIEGUES e MOREIRA, 2001, p.9).

Concordando com esta fala de Diegues, o amostral deste estudo é o conjunto de 10 grupos domésticos da mesma família, que coletam mexilhão na margem direita do estuário do rio Urumajó (01º00’59,4”S e 0,46º37’40,3”W), em frente à ilha das Pedras, em Augusto Corrêa.

> *... o lugar tem muito sururu, mas também muito perigoso, tem muita correnteza, então um cuida do outro, quando é preciso. É um lugar que não é muito procurado por isso. Só nós trabalhamos aqui (disse Seu Edinho, 37 anos).*

Nesse contexto, o senso de pertencer a uma entidade sociocultural, positivamente avaliada a qual se adere afetivamente, e a experiência de relações sociais que envolvem a totalidade da pessoa, se tornam elementos desencadeantes de solidariedade, embora isso não exclua a presença de conflitos dentro da coletividade considerada, nem de formas de poder ou de dominação. Tal forma de solidariedade se verifica, sobretudo, em grupos com base territorial relativamente restrita, isto é, nas comunidades locais, como é o caso em estudo (GALLINO, 2005).

4.2.1 A divisão sexual do trabalho na cadeia produtiva de *Mytella charruana*

Até a década de 1980 o mexilhão coletado pelos moradores de Vila Nova era destinado ao autoconsumo das famílias. A partir de então teve inicio o processo de comercialização desse recurso natural, o que provocou mudanças na divisão sexual

do trabalho. Apresentamos o estudo relacionando-o à coleta, catação e comercialização.

4.2.1.1- A coleta

Na atualidade a coleta de mexilhão é efetuada pelos homens, os quais saem pela manhã de suas casas fazendo um percurso de 5 km., de bicicleta e moto até o trapiche de Augusto Correa, localizado as margens do rio Urumajó, onde alugam barcos de pequeno porte, dividindo o valor da condução entre os membros da grupo e partem para o sítio de coleta (Figura 14).

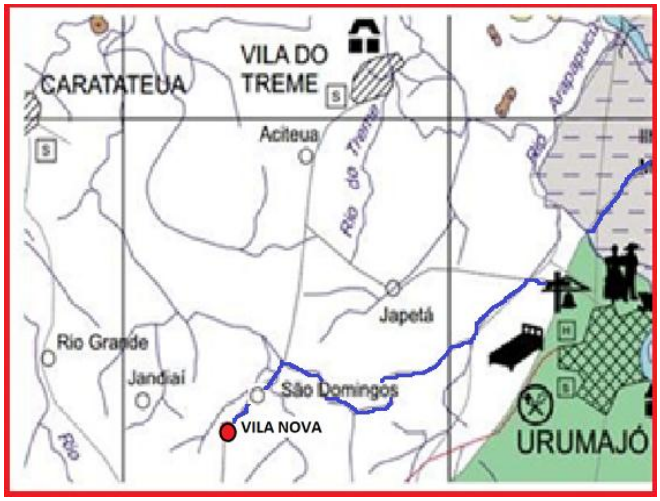


Figura 14 – Percurso da Vila Nova à margem direita do estuário de Urumajó, para a coleta do mexilhão. Fonte: Google, adaptada por Eduardo Gomes, (2014).

Para esse tipo de pesca, os principais instrumentos utilizados são:

- paneiro de coleta (Figura 15 A), que demanda maior engenharia, pois é feito por um senhor da comunidade, e elaborado especialmente para a coleta de mexilhão. Seus furos são menores do que os dos paneiros normais, de modo a evitar o escape do bivalve e facilitar a saída da lama. Ele fica amarrado por uma corda, para ser mantido nas proximidades do coletor;

- vara (Figura 15B) que é apanhada entre às várias encontradas jogadas nas margens do rio, e é usada para indicar o movimento da maré, servindo como um

marcador do tempo e da maré, o qual alerta os coletores para o retorno em segurança,

- sacos de algodão ou ráfia de 60k, para acondicionar o produto,

- corda, para amarrar os paneiros à vara,

- luvas, para evitar cortes ao retirar o mexilhão que está firmemente fixado às rochas e,

- sapatos confeccionados pelos coletores aproveitando a sola de tênis ou de sandálias de borracha, costuradas a tecido forte e resistente, também para evitar cortes ao pisarem no animal.

Figura 15 – Instrumentos de pesca de mexilhão: 15 A) Paneiro; 15 B) Vara no momento que está sendo fincada nas águas. Foto: Pompeu Araujo(2014).

No processo de coleta do mexilhão, o primeiro movimento é a preparação dos coletores os quais usam luvas, sapatos (conforme descritos anteriormente) e roupas de material fino e leve, durante movimentação dentro d'água para a retirada do mexilhão aderido ao substrato rochoso.

O primeiro material usado é a vara, a qual é cravada no leito do rio, medindo a altura da água; em seguida, cada coletor amarra seu paneiro com uma corda a esta vara, o qual servirá para receber o material coletado a cada mergulho.

Inicia-se, então, o processo de coleta propriamente dito: os coletores mergulham em busca do mexilhão e, a cada retirada, vêm a tona e colocam o material (uma mistura de mexilhão e lama - Figura 16A) em seu paneiro (Figura

16B); após isto, levam o paneiro até a margens onde o mexilhão é sovado com os pés para ser separado da lama (Figura 16C). Então, esta porção separada é colocada nos sacos de acondicionamento (Figura 16D).

Figura 16-A) material composto de mexilhão e lama retirada das rochas.

Figura 16-B) Paneiro para levar este Material até a margem.

Figura 16-C) Sova com os pés para Separar o mexilhão do substrato lamoso.

Figura 16-D) Sacos com o produto já sovado. Fotos: Pompeu Araujo(2014).

O processo continua até a maré encher (“alertado” pela vara, dizendo um para o outro após um tempo de mergulhos), quando o trabalho tem que ser encerrado, pois a força com que a essa chega é muito forte e a coleta torna-se perigosa.

Neste momento, colocam as sacas nas canoas, trocam as roupas e fazem uma pequena refeição, geralmente constituída de farofa, banana e outras frutas da época. Retornam e no trapiche, retiram das canoas o material coletado e devolvem-nas. Alugam coletivamente um táxi para transportar o produto até as suas casas,

mas apenas um coletor retorna no táxi. Os demais voltam nos seus respectivos transportes, bicicletas ou motos, deixados no trapiche. Normalmente chegam em suas casas entre 14 e 17 horas, de acordo com a enchente da maré.

Encerra-se assim essa etapa - a cadeia- que é trabalho exclusivo, entre os moradores de Vila Nova, dos homens(jovens e adultos).

4.2.1.2 A catação

Na cadeia produtiva de mariscos, a catação (extração da biomassa), no geral, é uma atividade associada às mulheres marisqueiras (SIMONIAN, 2005; DIEGUES, 2004; MANESCHY, 2001),o que se verifica também em Vila Nova.

Então, quando o produto coletado é trazido, pelos homens, para as residências, tem inicio a etapa de catação, que está subdividida em: limpeza, cozimento, catação e ensacamento da biomassa para comercialização - e é nessa etapa que se apresenta a participação das mulheres.

Todo trabalho desta etapa acontece na casa de farinha, que é uma espécie de extensão da residência (figura 18).

Figura 18: Casa de farinha, ao lado da residência, espaço de trabalho (permanente ou sazonal, da família. Foto: Pompeu Araujo (2014).

.

Enquanto os homens vão descansar da tarefa da coleta, as mulheres, que já providenciaram lenha para o fogo e a higienização da casa da farinha para a

catação, ocupam-se da limpeza do mexilhão colocando-os em um recipiente com água para a retirada do bisso. Após essa limpeza, coloca-os de molho com um pouco de sal, até o cozimento.

Ao anoitecer, geralmente a partir das 19h, toda a família (de criança ao idoso, se houver), se reúne para a atividade da catação. A preferência por este horário está relacionada aos princípios de higiene do local, pois os animais domésticos, como porco, galinha, pato, cães e gatos estão ausentes, além das moscas, que não tem hábitos noturnos.

O homem, já descansado, é o encarregado do fogão. Os mexilhões são colocados, em uma panela grande, são levados ao fogo para um rápido cozimento. Após isto, despeja-se o conteúdo da panela em um paneiro próprio, onde é balançado ou sacudido (Figura 19). Assim, a parte substancial do mexilhão, considerada a massa, passa pelos orifícios deixando as conchas no paneiro (Figura 20).

Figura 19- Retirada do sururu cozido para despejo no paneiro.

(Fotos: Pompeu Araujo/ 2014)

Figura 20 - Homem "ventejando" o sururu, i.é., sacudindo o paneiro para que o vento separe a massa da concha, ao mesmo tempo em que esfria o produto para ser ensacado.

Para o trabalho de catação do mexilhão são utilizadas duas mesas. Em uma delas se coloca a dona da casa para receber a massa cozida que passou pelo "venteja" e para retirar as conchas pequenas que passaram pelos furos do paneiro (Figura 21). Na outra mesa, onde ficam os outros familiares, é despejado o conteúdo que ficou no paneiro após o ventejar, para a recatação, na qual todas as conchas são revisadas para tirada de possível massa que ainda esteja retida.

A mulher é a responsável pelo cuidado com a massa, colocando-a em um recipiente próprio, uma bacia ou uma panela de alumínio, entregue ao homem para ser distribuída em saquinhos de 500 g (Figura 22).

Figura 21 – Retirada dos resíduos da conchae. e existentes na massa.

Figura 22: Ensacamento da biomassa. Fotos: Pompeu Araujo(2014).

O processo da catação, dependendo do número de pessoas envolvidas e da quantidade de mexilhão coletada e do retorno da coleta, pode exigir um trabalho que se estende pela madrugada.

Registre-se que essa etapa é realizada com muita alegria pelos participantes: é hora de contar piadas, causos, episódios das famílias, com paradas para tomar café com farinha de tapioca.

4.2.1.3 A mulher na catação

No conjunto de atividades da região na qual se inclui Vila Nova, considerando-se a Vila do Treme, que está se tornando um polo de catação de caranguejo, é interessante observar a semelhança da participação da mulher nos processo de coleta e beneficiamento da biomassa, mesmo de fontes diferenciados (sururu e caranguejo), nas duas localidades:

Na medida em que o recurso natural em foco passou a ter crescentemente como destino o mercado, sobrepondo-se este ao autoconsumo familiar, os homens passaram a se encarregar da coleta e também da parte inicial do beneficiamento, ou seja, o limpar e cozinhar, que no Treme, são atividades concentradas em um espaço

próprio, antes do caranguejo ser distribuído nas residências das catadoras (GOMES, 2013).

> *Quando a coleta do sururu era só pra nós, todo mundo ia pra maré. Agora como é muito só vai o homem. (Andréa, 35 anos).*

Neste gradiente entre autoconsumo e mercado vale a pena destacar o que sucede na vizinha Caratateua, onde o principal recurso natural gerador de renda também é o caranguejo:

> *... o sururu é retirado na corrente de maré, tem grande valor comercial e sua comercialização é importante também porque coincide com períodos de defeso do caranguejo (proibição de coleta). Durante o período de safra (dezembro a fevereiro, meses "secos" do ano, antes das "grandes chuvas"), é coletado por homens e por mulheres. Homens tiradores de caranguejo se deslocam para a coleta de sururu junto com as suas mulheres e familiares. A mulher participa, mas como ajudante do parceiro (...) Contudo, nos cuidados que seguem à captura, nas residências (cozer; peneirar ou catar; recatar - separar o molusco das valvas/cascas), o trabalho é das mulheres. Fora deste período, como esta atividade é fundamentalmente para autoconsumo, é uma tarefa que cabe às mulheres. (VIEIRA et al., 2013, p. 26)*

Isto implica reconhecer que, na medida em que a monetarização se impõe, a presença e a representação social do trabalho do homem crescem. O trabalho que era realizado pelas mulheres quando o objetivo da coleta do recurso não é mais destinado ao autoconsumo, passa a ser pesado, difícil (coisa de homem*)* e os territórios proibitivos, também perigosos (lugar de homem).

A produção do que é monetarizado considerados como função, domínio, território, mundo masculino; e da reprodução dos seres humanos como função, domínio, território feminino.

> *E a divisão sexual do trabalho se reproduz e se reconstrói tanto na primeira quanto na segunda. Assim, as mulheres são consideradas mais aptas para a execução de tarefas minuciosas, porque têm dedos e movimentos ágeis e um corpo propício para a realização de tarefas repetitivas e que requerem longos períodos de tempo. Mas a produção social gendrada destas valorações pode ser confirmada pelo fato de como o trabalho para tarefas similares é caracterizado como leve ou pesado: pesado se realizado por homem e leve se executado por mulheres ...(VIEIRA et al., 2013, p.28)*

A primeira leitura sobre as atividades desenvolvidas pela família em Vila Nova, assim como a realizada sobre os coletivos humanos até o surgimento das reflexões feministas, é a de uma complementaridade entre os sexos, baseada nos pressupostos funcionalistas da complementaridade de papéis entre homens e mulheres. (HIRATA e KERGOAT, 2007). Mas a partir dessas reflexões, pode se visibilizar o quanto as funções do homem têm mais valor social do que as funções da mulher, mesmo esta desempenhando atividade que gera renda, considerada produtiva por excelência.

Por detrás da “conciliação” há conflito, tensão, contradição, que caracterizam a incumbência simultânea de responsabilidades profissionais e familiares (HIRATA e KERGOAT 2007, p..604).

4.2.1.4 A interferência da ação antrópica na conservação de *Mytella charruana*

Nas análises de M. charruana, o comprimento médio das conchas deste molusco variou entre 30,21 mm e 31,32 mm nos meses estudados. O comprimento máximo foi observado no mês de dezembro (34,72 mm) e o mínimo no mês de Fevereiro (25,33 mm). A Figura 15 mostra a análise de variância do comprimento médio, apresentando diferenças significativas entre janeiro e fevereiro, com maiores valores registrados em janeiro (H=13, p=0,0002).

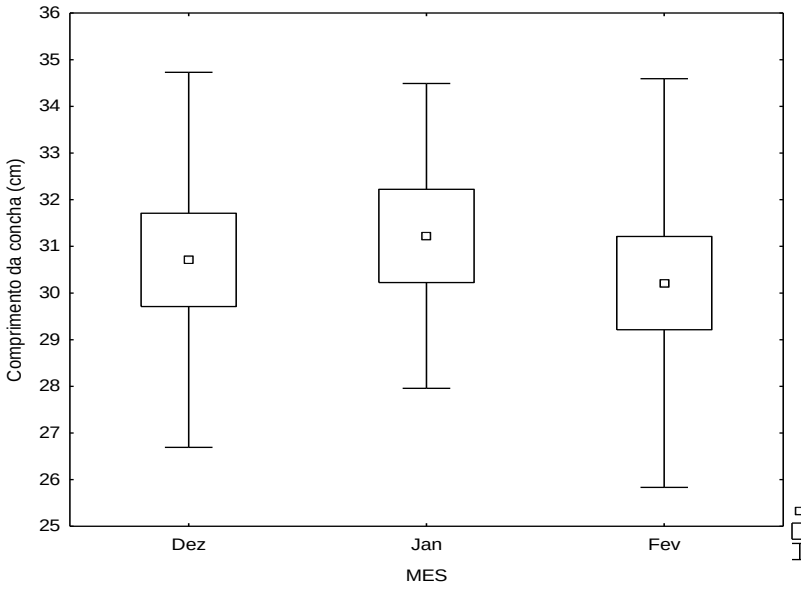


Figura 17- Tamanho médio do comprimento de conchas de *Mytella charuana*

Estudos sobre mitilídeos vêm registrando diferentes comprimentos de conchas no extrativismo. Nascimento(1969), estudando a reprodução de *M. falcata* (*sinonímia de M. charruana*) na Lagoa do Mundaú no Estado de Alagoas registrou em seu trabalho comprimento médio de 18,1 mm para os machos e 17,4 mm para fêmeas, enquanto que Dijck(1980) diz que estas medidas podem variar de 18 a 28 mm. Narchi e Galvão-Bueno (1983) descrevem que a espécie *M. charruana apresenta o comprimento* médio de 30 a 50 mm. Já Sibaja(1985), trabalhando com a espécie *Mytella strigata* na praia de Lepanto, em Puntarens (Costa Rica), obteve dados que apontavam o comprimento médio de 22 a 23 mm para esta espécie. Marques et al. (1991) estudaram a espécie de Perna perna e relatam o comprimento médio das conchas dos adultos de até 60 mm. Cruz & Villalobos (1993), estudando a espécie *Mytella guyanensis* no estuário Ochoa, Golfo de Nicoya (Costa Rica) observaram o comprimento médio de 30 a 35 mm.

Em relação ao comprimento de conchas amostradas neste trabalho, apesar de muitos indivíduos terem sido registrados na maior classe de comprimento (> 30 mm) e das maiores densidades serem comuns nos primeiros meses do ano (MARQUES-SILVA, 2002; MELO, 2007) as conchas dos indivíduos registrados em fevereiro, mostraram indício de uma exploração antrópica, que ocorre quando os mexilhões foram capturados fora do tamanho recomendado para extração em zonas entremarés (FERNANDES et al., 1983).

Acerca da conservação ambiental de populações de mitilídeos, Vannuci (1995), *apud* Melo (2007), orienta que a extração de mexilhão não deve ultrapassar a regeneração para manutenção das espécies. Já Nishida e Leonel (1995) dizem que o tamanho para extração comercial deveria ser superior a 45 mm para que ocorra manutenção do estoque.

No estudo em questão, nenhum indivíduo atingiu o tamanho recomendado por Nishida e Leonel (1995). A esse respeito, os estudos de Blandtt e Glaser (1999) já vinham apontando a escassez do mexilhão na região estudada, devido a exploração desordenada que não permiti a reprodução e crescimento das espécies para manutenção dos bancos. Além disso, Santos (2005) constatou que bancos onde ocorre exploração intensa tendem ao desaparecimento total. O que exige atenção no manejo pelos órgãos ambientais para que seja assegurada a manutenção do estoque de mexilhões.

A perda da biodiversidade em ambientes aquáticos tem sido um dos maiores problemas ambientais enfrentados na atualidade. Espécies de interesse comercial são alvo de impactos relacionados a sobrepesca, ao manejo inadequado, entre outros fatores que podem influenciar na manutenção de estoques (BAILLIE ET AL., 2004, MOYLE & LEIDY, 1992). Por outro lado, as maiores preocupações em relação

a diversidade dos recursos naturais aquáticos ocorrem quando se percebe o desaparecimento de uma espécie. Nesse sentido, é que a retirada de indivíduos sem considerar o tamanho recomendado pode ameaçar os estoques de *Mytella charruana.*

4.2.1.5 A comercialização

A partir da última fase da catação - o ensacamento da biomassa, o homem é o centro do processo, pois naquele momento já está organizando a remessa, a qual será entregue ao comprador, denominado de patrão, segundo prévia combinação, que culmina com a etapa da comercialização.

Esses compradores são oriundos, principalmente, da Vila do Treme, que é o centro de abastecimento de crustáceos para o nordeste brasileiro. Mas é comum encontrar compradores de outros municípios paraenses.

> *... quando fazemos a coleta, já está tudo apalavrado para venda, vem gente de tudo quanto é lugar. Já vendi para Breu Branco, Tailândia, Novo Repartimento. Já veio gente até de Santa Catarina (Seu Edinho, 37 anos)*

O produto normalmente é vendido nas primeiras horas da manhã seguinte à catação. O pagamento, em dinheiro, é imediato: entregou a biomassa, recebe o dinheiro. Esse retorno monetário imediato é o que atrai a população de Vila Nova para à atividade, como diz uma moradora do lugar,

> *... quando vejo o sururu na mesa para catar, fico muito feliz e mais feliz ainda de manhãzinha, quando chega o comprador, porque sei que teremos dinheiro na hora... (D. Suely, 38 anos)*

Nesse contexto, verificou-se, a renda, das famílias (N10) envolvidas neste estudo, oriunda do extrativismo do mexilhão, realizado num período de cada mês (dezembro, janeiro e fevereiro), durante a semana da maré de Sizígia que nos dias de coleta apresentaram alturas favoráveis ao desempenho dessa atividade com mínimas de marés entre 0,2 m a 0,8 m de altura (DHN, 2013, 2014). Na comercialização, foi possível observar uma variação nos valores da renda famíliar

entre R$ 70,00 (Família 3) a R$ 890,00 (Família 10), considerando o período de coleta de dados (Figura 23).

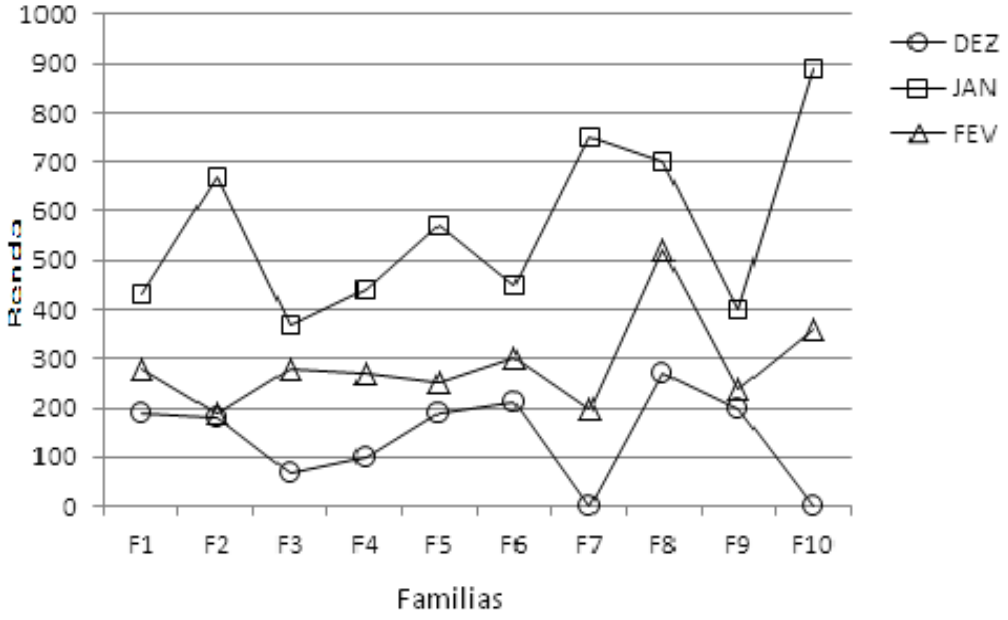


Figura 23 - Renda Mensal de famílias dedicadas a extração do mexilhão de Vila Nova entre dezembro/2013 a fevereiro/2014.

Observa-se na Figura 23, que as maiores rendas foram obtidas no mês de janeiro, havendo queda dessa renda no mês de fevereiro, que pode estar relacionada à diminuição, tanto da quantidade do molusco, pelo final da temporada, quanto ao tamanho do dele, como apontam os dados referentes as diferenças encontradas no tamanho da concha no mês de fevereiro. Isso mostra que tanto a economia quanto o ambiente dependem de um manejo que respeite o tamanho ideal para coleta e comercialização do mexilhão.

A Figura 21 também permite observar, que todas as famílias envolvidas neste estudo, no mês de janeiro, tiveram renda superior aos meses de dezembro e fevereiro. E, mesmo no mês de queda – fevereiro-, a renda foi superior a do primeiro mês, dezembro. E ainda mais, mesmo as famílias que tiveram renda menor, houve um crescente aumento da mesma nos meses subsequentes.

Essas constatações indicam a boa rentabilidade que o produto representa para os moradores da comunidade, pois é a maior concentração de renda oriunda tanto das ocupações sazonais, quanto das permanentes.

A atividade extrativista de mexilhões em Vila Nova é facilitada pelo reduzido custo que ela exige, e também devido a participação feminina que motiva a continuidade e ingresso de pescadores/coletores nesta atividade. Nesse sentido, este trabalho também mostra que a participação da mulher no beneficiamento influencia gradualmente a capacidade produtiva desse investimento familiar.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação realizada em Vila Nova confirma a importância das atividades desenvolvidas por mulheres, crianças e idosos na comunidade, o que corrobora resultados de pesquisas efetuadas na região recentemente (VIEIRA et al., 2013). Resultados esses que caminham em direção oposta à leitura hegemônica, segundo a qual aquelas têm um caráter secundário, marginal, complementário, de ajuda àquelas desenvolvidas pelos homens, que são reconhecidas como trabalho. Normalmente não se pensa a pesca em seu conjunto, em sua complexidade, na qual participam homens, mulheres, idosos, crianças, desenvolvendo não diferenciadas, ou seja, sem a concepção de que umas são essenciais e outras, complementares ou de “ajuda”.

Esta realidade é mais facilmente visibilizada na medida em que as atividades de pesca se ancoram em responsabilidades familiares. O movimento que vem ocorrendo em Vila Nova dá vida à reflexão dum processo mais amplo que inclui outras comunidades da região no sentido do gradiente produção voltada para autoconsumo doméstico e para o mercado.

Enquanto o recurso natural se destinava somente a família, as mulheres coletavam e beneficiavam o mexilhão buscando suprir as suas necessidades básicas (no estuário, no mangue). A medida que esse recurso vai se direcionando para o mercado, a coleta passa a ser atividade de homem e, posteriormente, também as primeiras fases do beneficiamento. A última etapa do processo (a comercialização) é exclusiva dos homens. Já elas passam a se concentrar nas atividades de beneficiamento (catação), que são desenvolvidas dentro do lar, assim podem continuar a desenvolver as atividades ligadas à reprodução da família.

O que vem acontecendo com o mexilhão em Vila Nova reproduz o que vem acontecendo com o caranguejo de maneira mais completa, no sentido do gradiente autoconsumo e comercialização, por exemplo, na comunidade do Treme. E o olhar hegemônico privilegia de maneira acrítica a divisão sexual nas comunidades de pesca artesanal ou de outras populações tradicionais, na medida em que as atividades remuneradas ou ligadas a recursos mais comercializados são mais valorizadas.

A realidade de Vila Nova confirma a literatura específica, a qual afirma que, na divisão sexual do trabalho, as desigualdades são sistemáticas. Ou seja, se trata de uma invariante. Hierarquizam-se as atividades e os sexos, confirmando as afirmações de inúmeras estudiosas ainda que as realidades não sejam estáticas.

Um dos principais resultados da investigação realizada em Vila Nova, assim como doutras que foram feitas na região indica que vem se dando mudanças, flexibilidades, recriação de práticas, na divisão sexual do trabalho. Mas, simultaneamente, identificou-se a inflexibilidade da reprodução enquanto obrigação da mulher e a maior valorização das atividades que são dos homens. Assim, confirma-se o que afirma Kergoat (2009:67):

> *Portanto, a divisão sexual do trabalho tem o valor de um conceito analítico, pois ...é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais de sexo... Tem por características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a ocupação pelos homens das funções de forte valor agregado...*

Vale registrar que a busca da conciliação das atividades remuneradas e as domésticas é uma problemática constante em outras realidades e não apenas da sociedade brasileira. Porque as últimas continuam a ser, em boa medida, responsabilidade das mulheres, mesmo daquelas conscientes das desigualdades em que se ancoram esta divisão sexual do trabalho (militantes feministas, acadêmicas). Portanto, as razões desta permanência da atribuição do trabalho doméstico às mulheres, mesmo no contexto atual de grandes reconfigurações das relações sociais de sexo continuam sendo um dos problemas mais importantes na análise das relações sociais de sexo.

Outro importante fruto da pesquisa diz respeito á maturidade do principal recurso natural coletado em Vila Nova, o mexilhão. Nenhum indivíduo atingiu o tamanho recomendado por Nishida e Leonel (1995). A esse respeito, os estudos de Blandtt e Glaser (1999) já vinham apontando a escassez do mexilhão na região

estudada, devido à exploração desordenada que não permite a reprodução e o crescimento das espécies para manutenção dos bancos. Além disso, Santos (2005) constatou que bancos onde ocorre exploração intensa tendem ao desaparecimento total. O que exige atenção no manejo pelos órgãos ambientais para que seja assegurada a manutenção do estoque de mexilhões. Isso mostra claramente que tanto a economia quanto o ambiente dependem de um manejo que respeite o tamanho ideal do molusco para coleta e para comercialização.

Neste caso, é importante referir o que afirmam autoras: que a vinculação da mulher a agricultura seria originária e ancestral:

> *... e são reconhecidos seu papel na preservação e promoção da diversidade genética pela manipulação das sementes; seus trabalhos de reprodução da vida; busca, aprovisionamento, cuidado e uso de água para a preparação dos alimentos e higiene familiar e do espaço doméstico; criação de animais, cuidado da roça, colheita de frutos e sementes; identificação e preparação da matéria prima para a confecção de artesanato; e conhecimento das plantas medicinais, cultivadas nas imediações das vivendas. Essas atividades colocam elas numa intensa relação produtiva e reprodutiva com sua paisagem, e são, em geral, as mulheres que decidem o retorno da família ao meio originário depois de ter morado por algum período no entorno das grandes urbes, onde veem sua posição degradada por não poder exercer os labores próprias do seu segmento de gênero na comunidade* (SEGATO, 2003, p. 12).

Esta questão é bastante controvertida. Mas mesmo que não se concorde com as afirmações acima de Segato, parece que se pode concordar com a mesma autora em torno de que deve ser promovida a igualdade de valores, de prestígio, de valores entre o mundo dos homens e o mundo das mulheres.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, N. Um guia exploratório para a compreensão do trabalho feminino. In: AGUIAR, N. (Coord.). Mulheres na força de trabalho na América Latina; análises qualitativas. Petrópolis: Vozes, p 13-28, 1984.

ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. Métodos e técnicas para coleta de dados. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P. (Org.). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica.* Recife: Livro Rápido /NUPEEA, 2004.

ALMEIDA, M.E. O lugar da mulher na apropriação e uso dos recursos naturais e nas atividades produtivas em Caratateua. Dissertação, campus – UFPA/Bragança-PA, 2012.

ALVARES e D'INCAO. A mulher existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia. GEPEM- Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém-PA, 1995.

ALVES, E. Do mangue a casa: Família e trabalho na economia do caranguejo. Master Thesis, Universidade Federal do Pará, Belém, p.140. 2003.

ARAUJO, A. R. R. Gestão da Pesca de Mitella *charruana* no litoral do Estado de Sergipe: Indicadores de Sustentabilidade.; Revista Brasileira da Engenharia de Pesca, 4, (2: 56-70). 2009.

BATALHA, M. O. As cadeias de produção agroindustriais: uma perspectiva para o estudo das inovações tecnológicas; Revista de Administração, São Paulo, v 30, Nº 4, p 43-50, out-dez, 1995.

BATAGLIOLA, F. A propôs des rapports socianx de sexe; parcours espstemologices. Parrir, CSU-CNRS, 1986.

BAVINGTON, D.; GRZETIC, B.; NEIS, B. The feminist political ecology of fishing down: reflections from Newfoundland and Labrador. Studies in political economy, 73, 2004. P. 159-182.

BEAUVOIR, S. Le Deuxième Sexe. Paris: Gallimard, 1949.

BENTO, B. A reinvenção do corpo. Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamon. 2006.

BERKES, F.; FOLKE, C. Linking social and ecological systems for resilience and sustainability. In Berkes, F.; Folke, C. (ed.). Linking Social and Ecological Systems: Management Practices and Social Mechanisms for Building Resilience. Cambridge University Press, Cambridge, UK. 1998.

BLANDTT, L.; GLASER, M. A. Escassez do mexilhão (Mytella *sp*) no manguezal e Estuário do Rio Caeté em Bragança, In 5ª WHORSHOP DO PROGRAMA MADAM, Belém, Pará p. 17-18.1999.

BLAY, E. A. Trabalho doméstico: a mulher na indústria paulista. São Paulo: Ática, (ensaios 35), 1978.

BOFF, V. A. Moluscos brasileiros de interesse médico e econômicos. S.Paulo: FAPESP. Ed. HUCITEC, 1979.

BRASIL. Lei Nº 9.985, de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidade de Conservação-SNUC, 2000.

BRASIL, 2007. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-010/2007/decreto/d6040.htm

BRASIL. PNPCT-Política Nacional de Desenvolvimento sustentável dos povos de comunidades tradicionais. Brasília-DF. 2007.

BRUSCHINI, C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não remunerado? R. bras. Est. Pop., São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez. 2006

BUTLER, J. *Gender Trouble*: Feminism anda the Subversion of Identity. Nova York/Londres: Routledge. 1999.

CHABAUD-RYCHTER, D. Fougeyrollas-Schwebel D.; Sonthonnax F. Espace et temps du travail domestique, Paris, Klincksieck, 1985.

CHIZZOTI, A. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. CORTEZ. São Paulo. 2001.

CONOVER e MANCH. Sustaining fisheries yields over evolutionary time scales. Science 297: 94-96, 2002.

CORDELL, J. Locally managed sea territories in Brazilian coastal fishing. Rome: FAO, 1983.

COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (orgs.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro/São Paulo: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.

CRUZ, R. A.; VILLALOBOS, C. R. Shell length at sexual maturity and spawning cycle of Mytella guyanensis (Bivalvia: Mitilidae) fron Costa Rica. Revista de Biologia, p. 89-92, 2008.

DAVIS, A.; WAGNER, J. R. Who knows? On the importance of identifying "experts" when researching local ecological knowledge.*Human Ecology*, 31(3):463-489. 2003.

DEDECA, C. S. Tempo Trabalho e Gênero, in: Reconfigurações das relações de gêneros no trabalho. Org. A. A. Costa; E. M. Oliveira; M.E. Lima; V. Soares. São Paulo: CUT. 2004.

DELPHY, C. L'ennemi principal. Économie politique du patriarcat, Paris, Syllepse, "Nouvelles questions feminists", 1998.

DIEGUES, A. C. Conhecimento Tradicional e Apropriação Social do Ambiente Marinho. In Roteiros Metodológicos: Planos de manejo de uso m útiplo das Reservas Extrativistas Federais. Brasília: IBAMA. p. 125-157. 2004.

DIEGUES, A. C. Pescadores, camponeses e trabalhadores do mar. Ática, São Paulo, Brasil. 1983.

DIEGUES, A. C. S. Povos e mares: Leituras em socioantropologia marítima. São Paulo: NUPAUB-USP. 269p. 1995.

DIEGUES, A. C.; Arruda, R. S. V. Saberes Tradicionais e biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministerio do Meio Ambiente. 176 p. 2001.

DIEGUES, A. C. S. Ecologia Humana e o Planejamento Costeiro. 2ª. ed., São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas em Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001

DIEGUES, A. C. S.; MOREIRA, A. C. C. (Orgs.). Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum. Apresentação. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001.

DIEGUES, A. C. Povos e Mares: Leituras em sócio antropologia marítima. São Paulo: NAPAUB, 1995.

DICIOMMO, R. C. Pescadoras e pescadores: a questão da equidade de gênero em uma reserva extrativista marinha. Ambiente e Sociedade, n.1, jan.-jun., p.151-163. 2007.

DIJCK, M.P.M. Moluscos do estuário do Rio Paraíba do Norte – Ilha da Restinga. Revista Nordestina de Biologia nº 3 – 1982.

FERNANDES, F. C.; Ecologia e Biologia de Mexilhão Perna perna, na região de Cabo Frio- Brasil. Tese de Doutorado. Instituto Oceanográfico da USP. São Paulo. P. 145, 1981.

FERNANDES, F. C. Mitilicultura enfoque bioecológico. Instituto de Pesquisa da Marinha (IpqM) Manual de Maricultura. Rio de Janeiro-RJ – Abril. V.1-24- 1983.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, D. Trabalho Doméstico.. IN: Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: UNESP, 2009.

GALLINO, L. Dicionário de sociologia. São Paulo; Paulinas, 2005.

GALVÃO BUENO, M. S. Estudo Corporativo da anatomia de Mytella Charruana (D'OBIGNY, 1846). Perna perna (lineaus, 1758) Bivalvia, mytillidae. Tese de Doutorado da Universidade de São Paulo, p 96. 1977.

GUILBERT, M. MICHEL, A. SAMBERT- JAMATÍ, V. Les fontions des femmes dans l'industrie. Paris/La Hayne, Mouton. 1966.

GLASER, M.; OLIVEIRA, R. S. Direitos e deveres no co-manejo costeiro do Brasil . In: Gente, Ambiente e Pesquisa. Belém – NUMA/ UFPA – 2005.

GLASER, M.; FURTADO, L. G.; NASCIMENTO, I. H.; SANTANA, G. Economy, ecosystem and society: mangroves and people in the Caeté Bay, Nort Brazil. Proceedings of the annual conference, Development studies association. University of East Anglia, Norwich, U. K, p.20. 1997.

GOODMAN, L. Snowball Sampling. In: Annals of Mathematical Statiscs, 32:148-170, 1961.

HÉRITIER-AUGÉ, F. Identité de substance et parenté de lait dans le monde arabe. Épouser au plus proche. Inceste, prohibitions et stratégies matrimoniales autour de

la Méditerranée. P. Bonte. Paris, Éditions de l'école des hautes études en sciences sociales, 1994.

HERKOVITS, M. J. Antropologia cultural – Man and his Works. São Paulo: Mestre Jou, 1969.

HIRATA, H.; e KERGOAT, D. Rapports sociaux de sexe et psychopathologie du travail. IN: Plaisir et Souffrance Dans le travail. Edition de l'AOCIP. Tome: II, p.131-176, 1988.

HlRATA, H.; D. KERGOAT. La división sexual dei trabajo. Permanencia y cambio. Buenos Aires: Asociación Trabajo y Sociedad. Centro de Estudios de la Muejr, Chile, Piette del Conicet, 1997.

HIRATA, H.; e KEERGOAT, D. Novas configurações da Divisão do Trabalho. Cadernos de Pesquisa. (37/ 132-595-609), 2007.

HIRATA, H.; e KEERGOAT, D. Divisão Sexual do Trabalho Profissional e Doméstico: Brasi, França e Japão. In BRUSCHINI et al Mercado de Trabalho e Gênero: Comparações Internacionais. Rio de Janeiro- Fundação Getúlio Vargas. 2008.

HIRATA, H.; Z. P. Trabalho (conceito de). In: HIRATA, Helena (et. al. orgs.). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: UNESP, 2009.

HIRATA, H. e GUIMARÃES, N. A. (org.) Cuidado e cuidadoras: as várias faces do trabalho do care. SP: Atlas, 2012.

ISAAC, V.; BARTHEM, R. B. Os recursos pesqueiros da Amazônia Brasileira. PRCT/CNPq. Museu Paraense Emílio Goeldi,; p.339. 1995.

KERGOAT, D. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sexuais de Sexo. IN: Trabalho e Cidadania Ativa para as Mulheres: Desafios para as Políticas Públicas. SP: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003.

KERGOAT, D. Rapports sociaux et division du travail entre les sexes, in M. Maruani (dir), Femmes, genre et sociétés. L'état des savoirs, Paris, La Découverte, p. 94-101-2005.

KERGOAT, D. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais de Sexo. In Dicionário Crítico do Feminismo. Organizado por HIRATA, H., Ledoaré Senotier. São Paulo: UNESP.; p.67-75. 2009.

KERGOAT, D. Des rapport sociaux de sexe et de là division sexuelle du travail. Cahiers du GEDISST, n. 03, 1992.

KÜCHEMANN, B. A. Enfoque de gênero nas relações com populações do entorno das Unidades de Conservação. IBAMA, 2000. http://www.ibama.gov.br/siucweb/guiadechefe/guia/anexos/anexo13/index.htm.

LABRECQUE, M.F. Uma Parceria Feminista na Pesquisa. Revista de Estudos Feminista – Volume especial da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.br. 1994.

LACERDA, L.D. Os Manguezais no Brasil. In VANNUNCH, M. Os Manguezais e nós: Uma Sintese de Percepções, S. Paulo: editora da Universidade de S. Paulo. P.185-194. 1999.

LANGERVIN, A. La constrution des bornes d'âge. Revue Français des Affaires Sociales. Paris. 51 e anée nº hors série. 1997.

LEFF, E. Racionalidade ambiental. A reapropriação social da natureza. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIMA, D.; POZZOBON, J. Amazônia socioambiental: sustentabilidade ecológica e diversidade social. Estudos Avançados, São Paulo, v. 19, n. 54, p. 22-34, 2005.

LITTLE, P. Territórios Sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma nova antropologia da territorialidade. *Série Antropologia.* Brasília: Departamento de Antropologia da UNB, 2002.

MANESCHY, M. C.; Mútiplas atividades femininas nas estratégias de produção social de família de pescadores. In Jackson. Maria José. Sociologia na Amazônia. Belém: CEJUP, 2001.

MANESCHY, M. C. A mulher está se afastando da pesca? Continuidade e mudança no papel da mulher na manutenção doméstica entre famílias de pescadores no litoral do Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Série Antropologia, Belém, v.11, n.2, p.145-166, 1995. 1995.

MANESCHY, M. C. Sócio-economia: trabalhadores e trabalhadoras nos manguezais. In: FERNANDES, Marcus E. B. (Org.). Os Manguezais da Costa Norte Brasileira. Belém: Gráfica Alves, 2005, vol. 2, p. 218-231.

MANESCHY, M. C.; D. SIQUEIRA & M. L. M. ALVARES. 2012. Pescadoras: subordinação de gênero e empoderamento. *Revista Estudos Feministas* 20(3):817-837.

MANESCHY, M. C.; ESCALLIER, C. Parceiras de Terra: Trabalhos das Muleres na Pesca em Vigia Litoral do Pará, In Gente e Ambiente no mundo da Pesca Artesaal. Organizado por L. Furtado; G. Quaresma; D. Helena, p 57-90, Belém, Museu Parense Emílio Goeldi, 2002.

MARQUES, H. L. A. Criação comercial de Mexilhões. São Paulo. Nobel. P 109.; 1998.

MARQUES, H. L. A. Crescimento de mexilhões Perna perna (Linnaeus, 1758) em populações naturais no litoral de Ubatuba –SP Brasil. Boletim do Instituto de Pesca, S. Paulo. 18: 61-72, 1991.

MARQUES, N. S. Variação no recrutamento de organismos incrustantes com ênfase nos Mexilhões do gênero Mytella (Soot-Ryen, 1955), no estuário do Rio Caeté, Bragança, Pará. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará, 2002.

MELO, E. S. Levantamento e densidade, variação de comprimento e estimativa de biomassa em dois bancos naturais de *Mytella falcata* (D'ORBIGNY 1846) no estuário do Rio Urumajó, Augusto Correa, 2007.

MOYLE, P. B.; LEYDY, R. A. Biodiversidade e conservação de peixes do complexo Espinhaço. Revista Megadiversidade- vol. 4 nº 12 – Dez 2008.

NASCIMENTO, J. V. Estudos preliminares sobre a primeira maturação sexual do sururu (Mytella falcata) Revista Ed. E Pesca – maio/ agosto 1968.

NARCHI e GALVÃO BUENO. Anatomia funcional de Mytella charruana (d'Orbigny 1846) (Bivalvia Mytilidae). Bolm. Zool. Universidade de S. Paulo: 1983.

NISHIDA, A. K.; LEONEL, R. M. V. Ocurrence, population dynamics and habitat, characterization dynamics and habitat of *Mytella guyanensis (lamark 1819) moluska bivalves in the Paraiba do Norte River Estuary. Bohn. Inst. Oceanogaf 43 p. 41-49; 1995.*

NISHIDA, A. K. et al. Aspectos socioeconômicos dos catadores de moluscos do litoral paraibano, Nordeste do Brasil. Rev.de Biologia e Ciências da terra. Vol. 8 n.1-1º sem/ 2008.

NODA, S. N., NODA, H., PEREIRA, H. S.; MARTINS, A. L. U. Utilização e apropriação das terras por agricultura familiar amazonense de várzeas. IN DIEGUES, Antonio Carlos de Sant'Ana e MOREIRA, André de Castro C. (Orgs.). Espaços e Recursos Naturais de Uso Comum. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras, USP, 2001.

PAULILO, M. e BRUMER, A.; As agricultoras do Sul do Brasil. Revista de Estudos Feministas. Florianópolis. UFSC. 2004

PEREIRA, O., HILBERATH, R.; ANSARAH, P. & Galvão, M. Estimativa da produção de Mytella falcata e de M. guyanensis em bancos naturais do estuário de Ilha Comprida, SP, Brasil. Boletim do Instituto de Pesca, São Paulo, 29: 139-149, 2003.

PISCITELLI, A. “Recriando a (categoria) Mulher?”. IN: ALGRANTI, L.; (Org.).; A Prática feminista e o Conceito de Gênero. Campinas: IFCH-UNICAMP, 2002.

POSEY, D. A. Etnobiologia: teoria e prática. In: D. Ribeiro (ed.). Suma Etnológica Brasileira. Vol. 1. Etnobiologia. 3. ed. Editora Universitária UFPA, Belém, p. 1–15. 1997.

POSEY, D. A. Indigenous knowledge and development. In: ideological bridge to the future. Ciencia e cultura. Campinas, v. 35, n. 7 p. 877 – 1983.

RAMOS, D. P. Pesquisas de usos do tempo: um instrumento para aferir as desigualdades de gênero. Estudos Feministas, Florianópolis: UFSC, set/dez, v. 17. n. 03. 2009.

REPINALDO FILHO, F. P. M. Contribuições do Conhecimento Ecológico Local ao sistema de gestão compartilhada da pesca em *emburateuas*, nos estuários da *Reserva Extrativista Marinha de Caeté-Taperaçu*, Bragança, Pará. Dissertação de Mestrado, UFPA, PPBGA, 2012.

ROSALDO, M. Z.; LAMPHERE, L. (org.) *A mulher, a cultura, a sociedade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1979.

RUBIN, G. “Reflexionando sobre el sexo: para uma teoria radical de La sexualidade”. IN: VANCE, Carole (org.). *Placer y Peligro*: explorando La sexualidad femenina. Madrid: Talasa. 1989.

RUDDLE, K. Changing the focus of coastal fisheries management. In Pomeroy, R.S., ed., Community management and common property of coastal fisheries in Asia and the Pacific: concepts, methods and experiences. ICLARM (International Center for Living Aquatic Resources) Conference Proceedings 45. ICLARM, Manila, Philippines. 1994.

SABOURIN, E. Manejo dos recursos comuns e reciprocidade. Sustentabilidade em debate. UNB-Brasília- DF. 2010.

SAFFIOTI, H. A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. São Paulo: Quatro Artes, 1969.

SAFFIOTI, H. I. B. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna. 1987.

SANTOS H. levantamento da densidade, biomassa e área de bancos de. Mexilhões Mytella falcata (d'ORBIGNY, 1846) localizados em Nova Olinda,Augusto Corrêa – PA. Dissertação de Mestrado-UFPA.78p.2005.

SEGATO, R. L. Uma Agenda de Ações Afirmativas para as Mulheres Indígenas do Brasil. Brasília: Série Antropologia No. 326, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2003.

SCOTT, J. Estudos feministas. Florianópolis-SC. 2007.

SCOTT, J. "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Revista Educação e Realidade*, vol. 20, no. 02. 1995.

SIBAJA, W.G. Dimensiones de la concha del meijillón Mytella Strigata de la playa de Lepanto, Puntarenas – Costa Rica. Ver. Biologia tropical- 1985.

SIMONIAN, L.; SILVA, C. N.; A questão de Gênero: Um breve estudo no Estuário Amazônico. PAPER DU NAEA- Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. Belém, nº200, dez. 2006.

SIMONIAN, L.; Pescadoras de camarão: Gênero, mobilização e sustentabilidade na Ilha de Trambioca. Barcarena-PA, Museu Emilio Goeldi.2005.

SIQUEIRA, D. Biodiversidade, Estado brasileiro e Religião na Amazônia Dossiê: Biodiversidade, Política e Religião. Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p.56-78, abr./jun. 2010.

SIQUEIRA, D.; BANDEIRA, L. *Feminismos e gêneros*. Rev. Estado e Sociedade, vol. 12, no. 02, jul/dez., Universidade de Brasília, Departamento de Sociologia, 1997.

SIQUEIRA, D. E., et al. Pescadores: subordinação de gênero e empoderamento. Revista Estudo Feminista. Florianópolis- UFSC. Vol.20, série 03, p.817-837. 2012.

SOUZA FILHO, P. W. & PARADELLA, W. R. Recognition of the main gobotanical faetures along the Bragança Mangrove coat (Brazilian Amazon Region) from lansat TM and Redarsat- 1 data. Wetlands Ecology and Management, V.10.; p.123-132. 2002.

SOUZA-FILHO, P. W. M. Impactos naturais e antrópicos na planície costeira de Bragança. In: PROST, M. T.; MENDES, A. C. (Eds.). Ecossistemas costeiros: impactos e gestão ambiental. Belém: MPEG, 2001. p. 133-144. 2001.

SOUZA-FILHO, P.W.M.; PARADELLA, W.R. Use of synthetic aperture radar for recognition of Coastal Geomorphological Features, land-use assessment and shoreline changes in Bragança coast, Pará, Northern Brazil. Anais da Academia Brasileira de Ciências, v. 75, n. 3, p. 341-356. 2003.

VIEIRA, N.; SIQUEIRA, D.; EVER, M.; GOMES, M. Divisão sexual do trabalho e relações de gênero em contexto estuarino-costeiro amazônico. Amazônica**,** Revista de Antropologia, 5 (3). Especial:806-835, 2013.

WOORTMANN, E. F. Da complementariedade a dependência: espaço, tempo e gênero em “pesqueiras” do nordeste. Comunidades. Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 18, p. 41-61, fev., 1992.

WAGNER, A. Terras tradicionalmente ocupadas: Processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum. R.B. Estudos Urbanos e Regionais. V. 6 nº 01 – maio 2004.

ZARIFIAN, P. Objetivo e competência: por uma nova lógica. S. Paulo. Atlas, 1998.

GLOSSÁRIO

Abanos: é um artesanato local confeccionado a partir do guaruman cujo objetivo principal é manter acesa a chama do fogo.

Apuro: é a comercialização, o ato de vender e entregar para o marreteiro, atravessador ou patrão, é o recebimento imediato do dinheiro.

Atravessador: pessoa que compra o Mexilhão diretamente do coletor, faz o pagamento e comercializa na cidade.

Braço de Mar: é um canal de maré que está sujeita a chegada da água para as atividades, o retorno e saída dos barcos, recebimentos do pescado e do caranguejo.

Catação: é o ato de retirar da casca de mexilhão a massa que será comercializada ou usada para o consumo familiar.

Coleta: é o ato de retirada do mexilhão do seu habitat rochoso ou lamoso.

Consumição: é o excesso de retirada do mexilhão nos sítios de coleta.

Guaruman: é certa planta *palnácea* da flora brasileira, cujas partes são utilizados na confecção de diferentes sextos, abanos.

Lançante do claro: Maré de sizígia, Lua cheia.

Lançante do escuro: Maré de sizígia**,** Lua nova.

Lavradores: é o mesmo que agricultores.

Maré de quebrada: é o mesmo que maré de quadratura.

Paneiro: é um cesto cilíndrico confeccionado em guaruman e é utilizado para coleta e catação do mexilhão.

Patrão: atravessador que compra o mexilhão e faz o pagamento em espécie no momento da compra.

Sururu: mexilhão (Mytella *charruana* e Mytella *falcata*) mitilídeo de interesse comercial, molusco bivalve de água salobra encontrada em todo litoral brasileiro (PEREIRA et al., 2003).

Taipa: técnica construtiva a base de argila e cascalho empregue com o objetivo de erguer uma parede.

Tiração: é o que corresponde a coleta. Ato de tirar o mexilhão do substrato lodoso (fundo do rio) ou substrato rochoso (das pedras).

Umbigo: é o mesmo que bisso que é uma estrutura proteica adaptada a suporta impactos causados pela forças das marés, estrutura de fixação.

Ventejar: é o mesmo que sacudir, onde o mexilhão que está dentro do cesto é sacudido deixando a massa cair ficando apenas a valva dentro do cesto.